

GRAN FURY

ARTE NÃO É O BASTANTE

textos da exposição
em fonte ampliada

PORTUGUÊS

Realização



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

GRAN FURY: ARTE NÃO É O BASTANTE

O MASP apresenta a mostra ***Gran Fury: arte não é o bastante***, que ocupa a galeria localizada no 1º subsolo do museu. Com curadoria de André Mesquita, curador, MASP, e assistência de David Ribeiro, supervisor, MASP, a exposição reúne 76 obras, entre elas fotocópias e impressões digitais sobre papel. A mostra discute os limites e os alcances das campanhas gráficas do coletivo Gran Fury, bem como a ideia da arte como estratégia no campo ativista, impulsionado por pessoas queer, para ampliar a consciência sobre o HIV/aids. Gran Fury (Nova York, 1988 — 1995) foi um coletivo de artistas considerado referência para as práticas de ativismo artístico das décadas de 1980 e 1990, que emergiu a partir da organização ACT UP (*Aids Coalition to Unleash Power*) [Coalizão da aids para libertar o poder],

composta por indivíduos e grupos de afinidade dedicados a tornar criticamente público o silêncio e a negligência do governo dos Estados Unidos em relação ao HIV/aids. Gran Fury produziu campanhas gráficas e intervenções públicas em torno das questões relacionadas à crise do HIV/aids, servindo visualmente ao ACT UP em protestos e ações de desobediência civil. O coletivo encerrou suas atividades em 1995, e seu arquivo encontra-se na *New York Public Library*. Em boa parte de sua trajetória, o Gran Fury contou, em sua formação, com Avram Finkelstein, Donald Moffett, John Lindell, Loring McAlpin, Mark Simpson (1950-1996), Marlene McCarty, Michael Nesline, Richard Elovich, Robert Vazquez-Pacheco e Tom Kalin. O grupo se autodescrevia como “um bando de indivíduos unidos na raiva e comprometidos a explorar o poder da arte para acabar com a crise da aids”. Seus membros

recusavam-se a se assumir como artistas ou a aparecer como criadores individuais e desejavam escapar dos espaços de arte consagrados.

O título da exposição do MASP Arte não é o bastante, se inspira na frase “With 42,000 Dead, Art Is Not Enough” [Com 42 mil mortos, arte não é o bastante] (1988), de autoria do coletivo. A sentença surgiu quando a instituição independente de arte experimental e performance *The Kitchen*, em Nova York, convidou o coletivo para fazer a capa do calendário do espaço, que respondeu com um pôster contendo a declaração, seguida da conclusão “Take Collective Direct Action to End the Aids Crisis” [Engaje-se na ação direta e coletiva para acabar com a crise da aids]. “O Gran Fury é parte de uma história ativista do uso politizado das ferramentas de comunicação e da subversão de imagens e

discursos dominantes, abrindo território para o que na década de 1990 tornou-se conhecido entre coletivos de arte ativista e movimentos sociais como ‘mídia tática’, que é a produção de um novo tipo de estética por grupos e indivíduos oprimidos ou excluídos da cultura geral, trabalhando com formas expandidas de distribuição cultural e intervenção semiótica nas ruas, valendo-se de diferentes suportes visuais”, elucida o curador André Mesquita.

Entre as ações produzidas pelo grupo está a criação *The New York Crimes* (1989), que consistiu na impressão de milhares de exemplares falsos de um jornal de quatro páginas com textos do ACT UP, contendo suas próprias notícias e gráficos densos. Nessa obra, o grupo, mimetizando os elementos gráficos da capa do *The New York Times*. O *The New York Crimes* corrigia a identidade e

as informações equivocadas da cobertura do tradicional jornal nova iorquino sobre a doença, por exemplo a de que o controle do HIV já estava estabilizado. Na época, Gran Fury e ativistas do ACT UP saíram pelas ruas de Nova York durante a madrugada, abriram as caixas do *The New York Times*, retiraram os exemplares e substituíram as primeiras páginas com o jornal falso.

Em *Kissing Doesn't Kill* [Beijar não mata] (1989-90), o Gran Fury desviou o multiculturalismo corporativo das conhecidas campanhas da empresa italiana de roupas *Benetton*, subvertendo seus códigos visuais e semânticos e a sua sedução visual, para exibir fotografias de três casais inter-raciais se beijando. O pôster foi instalado como um painel nas laterais de ônibus e nas estações de metrô em São Francisco, Chicago, Nova York e Washington DC, nos Estados Unidos. Sua imagem, replicada também

em vídeos curtos produzidos pelo coletivo, não vendia um produto, mas desafiava a interpretação equivocada do beijo como comportamento de risco, uma vez que, naquela época, a saliva era vista como um fluido supostamente capaz de transmitir o HIV.

“O outdoor não publicitário de *Kissing Doesn't Kill* efetua o que, na década de 1990, popularizou-se como *Culture Jamming* [Interferência cultural] por meio da subversão, manipulação ou rompimento simbólico das mensagens publicitárias na mídia e no espaço urbano”, explica Mesquita.

A garantia do cuidado e do respeito a todas as pessoas com HIV foi endereçada em um cartaz com a frase *All People With Aids Are Innocent* [Todas as pessoas com aids são inocentes] (1988), quebrando o paradigma moral de que algumas pessoas mereceriam o HIV/aids mais do que outras. O cartaz do Gran Fury determinava

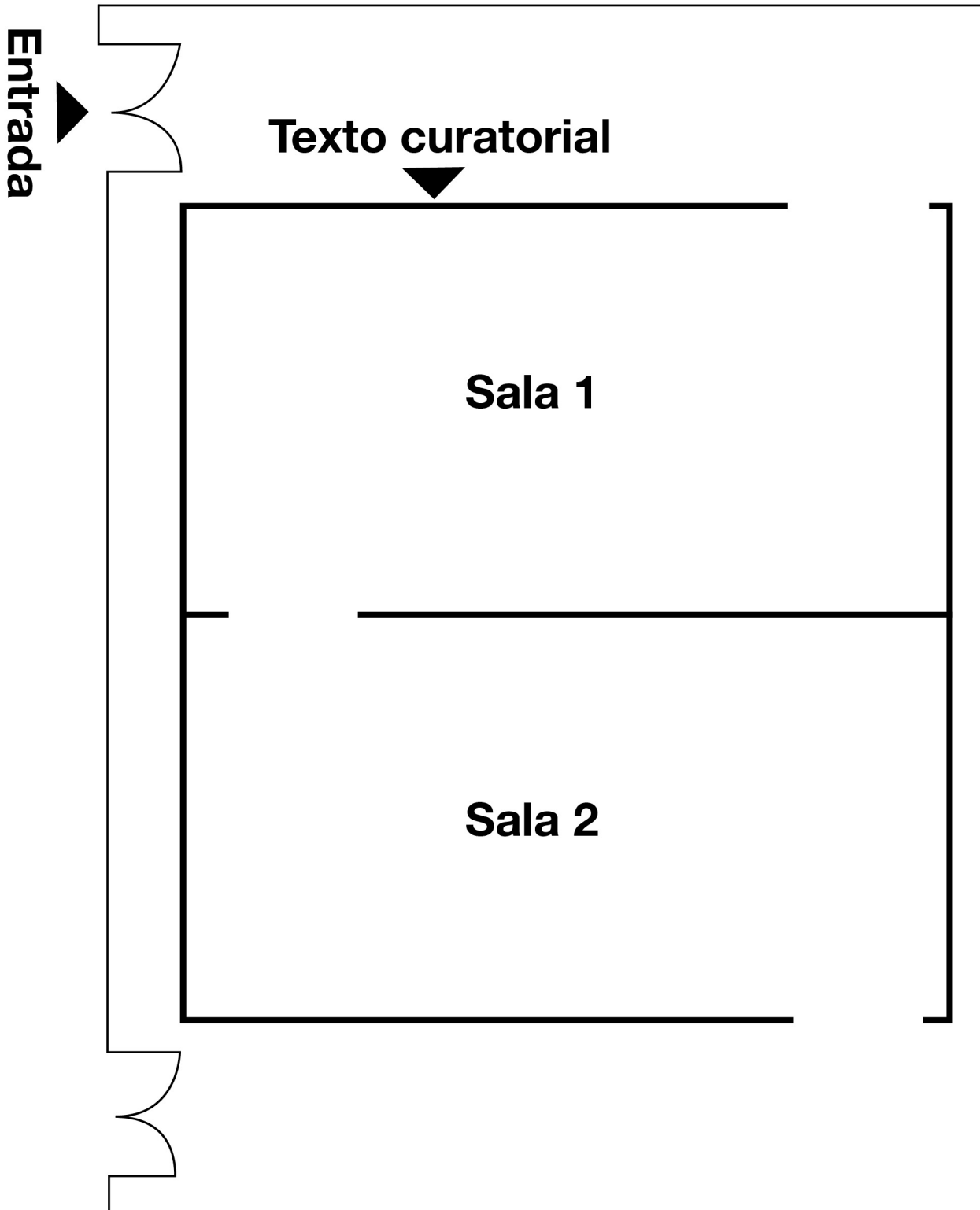
uma mudança de pensamento imediata da sociedade para respeitar, sem hierarquias, todas as pessoas que convivem com o HIV/aids, as quais devem ter o direito de receber cuidados e assistências iguais.

Segundo o curador André Mesquita, “dizer que ‘a arte não é o bastante’ não significa abandonar permanentemente a arte em favor da militância, ou apontar a ineficácia de uma prática artística para a transformação social. Ao contrário, a declaração do Gran Fury propõe que já não basta mais fazer uma arte sobre a crise, mas que momentos de crise são também momentos revolucionários de imaginação radical e de confrontação de sistemas hegemônicos e opressores”. “Sua obra gráfica nos provoca a pensar sobre a necessidade e a urgência de artistas, ativistas e agentes culturais se articularem como força política solidária em

direção à ação direta, caminhando junto a movimentos contestatórios”, conclui.

Gran Fury: arte não é o bastante integra a programação anual do MASP dedicada às Histórias da diversidade LGBTQIA+. Este ano a programação também inclui mostras de Francis Bacon, Mário de Andrade, MASP Renner, Lia D Castro, Catherine Opie, Leonilson, Serigrafistas Queer e a grande coletiva Histórias da diversidade LGBTQIA+.

Mapa do espaço expositivo

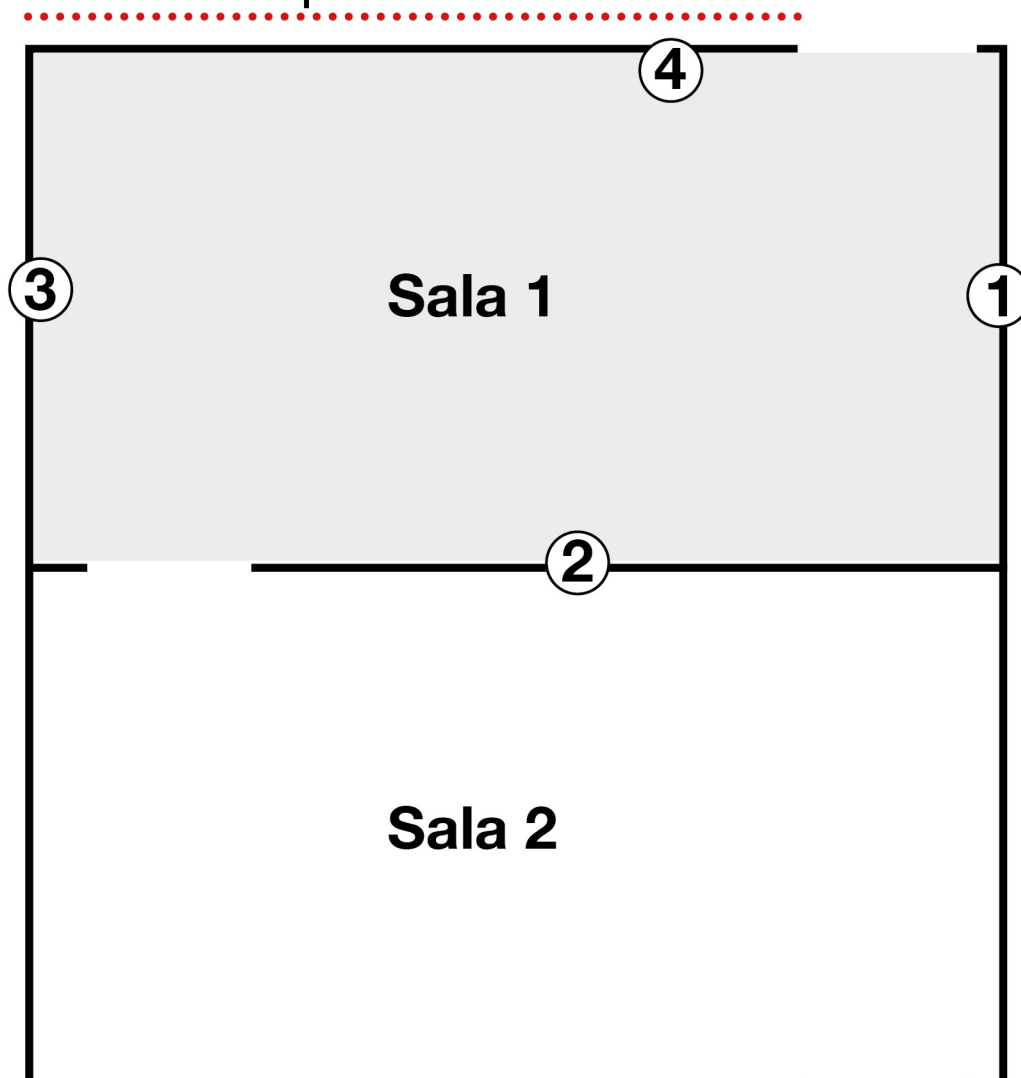


Sala 1

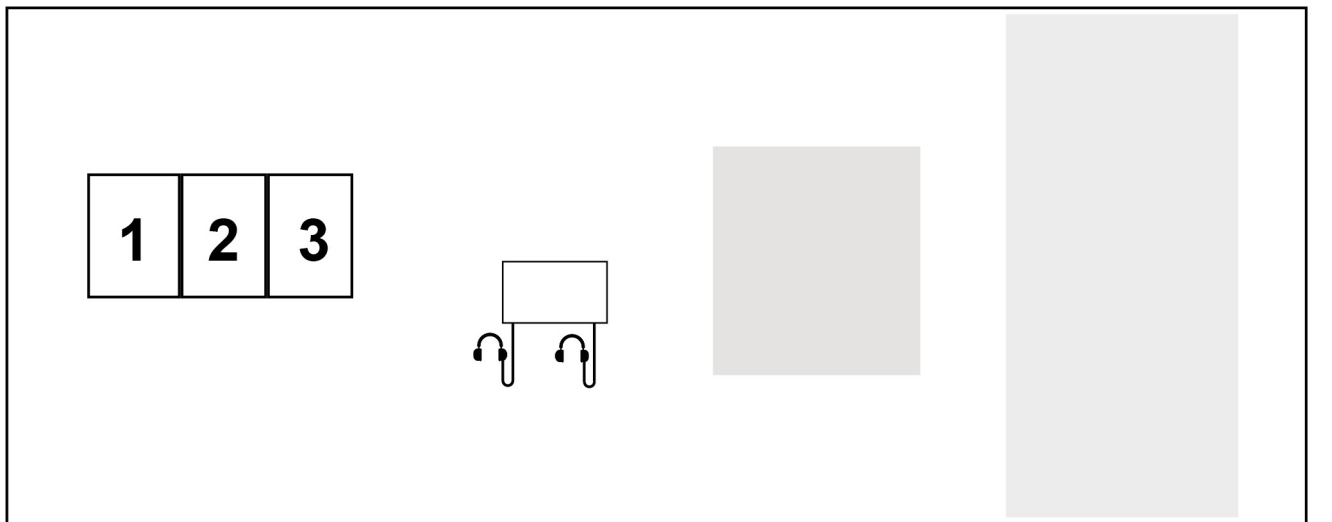
texto curatorial



parede de abertura



Parede de abertura



1. *The Government Has Blood on Its Hands*

[O governo tem sangue nas mãos], ACT UP,
Manifestação no Departamento de Saúde,
Nova York, Estados Unidos, 1988

Impressão digital sobre papel

O GOVERNO TEM SANGUE NAS MÃOS. UMA
MORTE POR AIDS A CADA MEIA HORA.

2. *You've Got Blood on Your Hands,*
Stephen Joseph [Você tem sangue nas
mãos, Stephen Joseph], 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, Estados Unidos

VOCÊ TEM SANGUE NAS MÃOS, STEPHEN
JOSEPH. A REDUÇÃO DOS NÚMEROS DA AIDS
É UMA MENTIRA LETAL.

3. *You've Got Blood on Your Hands, Ed Koch*

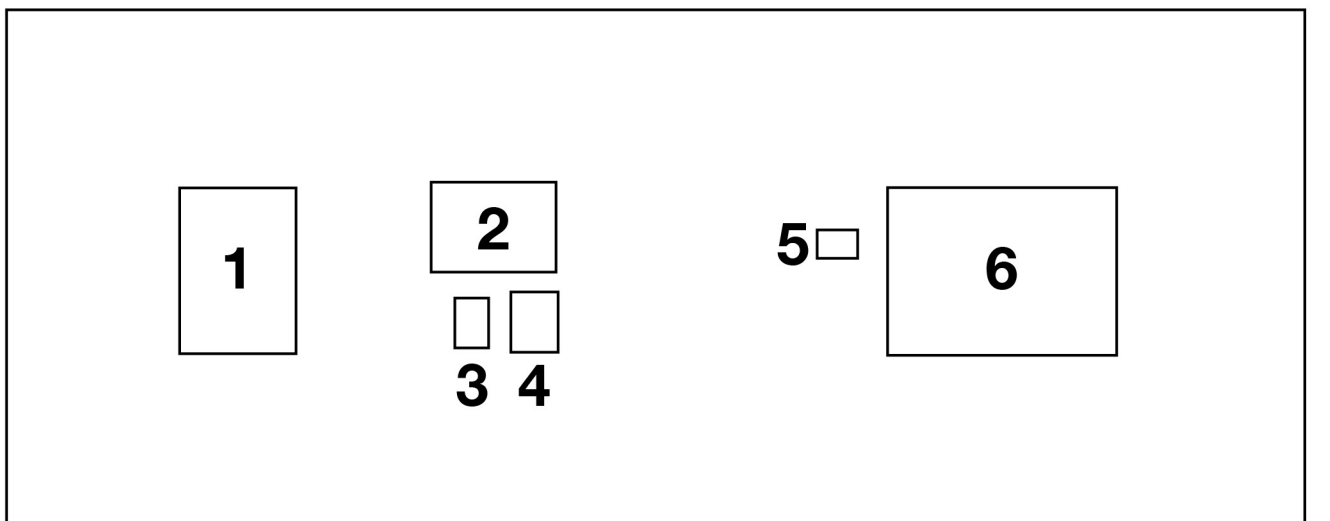
[Você tem sangue nas mãos, Ed Koch], 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, Estados Unidos

VOCÊ TEM SANGUE NAS MÃOS, ED KOCH. O
SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA À AIDS DA CIDADE
DE NOVA YORK NÃO EXISTE.

Parede 1



1. *Art Is Not Enough* [Arte não é o bastante], 1988

Impressão digital sobre papel

Cartaz para uma série de eventos no The Kitchen, 1988, Nova York, Estados Unidos

COM 42 MIL MORTOS

A ARTE NÃO É O BASTANTE

ENVOLVA-SE NA AÇÃO DIRETA E COLETIVA

PARA ACABAR COM A CRISE DA AIDS

The Kitchie

512 West 19th Street

New York, NY 10011

Dezembro

Karen Finley 30/11–3/12

Two in Twenty 6–23/12

Stephen Petronio 8–18/12

Janeiro

Wolfgang Stahle 3–28/1

Robert Longo 7/1

Coletivo Blueblack 13–14/1

Spin Doctors 18/1–18/2

Reservas: 255-5793

2. *Art Is Not Enough* [Arte não é o bastante], 1989

Impressão digital sobre papel

Cartaz para o catálogo da exposição “*Aids: The Artists’ Response*”, na Ohio State University

COM 47.524 MORTOS,
A ARTE NÃO É O BASTANTE

Nossa cultura dá permissão aos artistas para nomear a opressão, uma permissão que é negada aos oprimidos. Fora das páginas deste catálogo, várias comunidades estão se apropriando dessa permissão para salvar suas próprias vidas.

NÓS INSTIGAMOS VOCÊ A SE ENVOLVER NA
AÇÃO DIRETA E COLETIVA PARA ACABAR COM
A CRISE DA AIDS

3. Art Is Not Enough. Seize Power Through Direct Action [Arte não é o bastante. Tome o poder por meio da ação direta], publicado no *The Village Voice*, 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, Estados Unidos

**4. *Art Is Not Enough [Over 700,000 Cases
of Aids Worldwide]*, [Arte não é o bastante
(Mais de 700 mil casos de aids em todo o
mundo)], 1990**

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, Estados Unidos

MAIS DE 700 MIL CASOS DE AIDS EM TODO O
MUNDO AS PESSOAS ESTÃO SE ENVOLVENDO
NA AÇÃO DIRETA.

Em Washington DC, manifestações de ativistas contra a aids realizadas na sede da FDA resultaram no lançamento mais rápido de medicamentos experimentais para doenças relacionadas ao HIV, além de uma reavaliação do processo de aprovação e distribuição de medicamentos.

Em laundé, Camarões, profissionais do sexo que trabalham sob o nome Les Amis de Rose et Douglas [Amigos de Rose e Douglas] apresentam sua peça *Marriage avec le Condom* [Casamento com a camisinha] em bares e clubes sociais para ajudar mulheres a negociarem práticas sexuais mais seguras com seus parceiros.

Em São Paulo, Brasil, a travesti Brenda Lee estabeleceu a Casa de Apoio para oferecer cuidados e abrigo a travestis que vivem com HIV. Na Alemanha Ocidental, onde 30% de todos os usuários de drogas intravenosas testam positivo para o HIV, todos os anos a Deutsche Aids-

Hilfe distribuiu mais de 600 mil agulhas limpas em 90 cidades para reduzir a disseminação das infecções por HIV.

Na Cidade do México, a organização civil Superbarrio realiza eventos midiáticos e campanhas com pôsteres, usando a cultura popular da luta livre profissional para ensinar as pessoas sobre a prevenção da aids e o uso de preservativos.

Em Londres e em Nova York, uma manifestação do ACT UP (Coalizão da aids para libertar o poder) em protesto contra o custo elevado do AZT resultou em uma redução de 20% do preço do medicamento por parte do fabricante, a empresa farmacêutica Burroughs Wellcome.

Em Bangcoc, Tailândia, onde as infecções por HIV entre profissionais do sexo aumentaram dez vezes em um ano, o coreógrafo Natee Teerarojjanapongs organizou shows de strip-tease e sexo seguro em bares turísticos para educar as mulheres e seus

clientes sobre o uso de preservativos.

Enquanto os Estados Unidos recebem a Sexta Conferência Internacional sobre Aids (de 21 a 24 de junho de 1990), em Amsterdã, Países Baixos, ativistas realizarão transmissões por computador e satélite para facilitar o livre fluxo de informações em diversas regiões internacionais para protestar contra as políticas estadunidenses que restringem a entrada de estrangeiros infectados com HIV.

ARTE NÃO É O BASTANTE ENVOLVA-SE NA
AÇÃO DIRETA PARA ACABAR COM A CRISE
DA AIDS.

Gran Fury

Este projeto foi financiado por Holi Briendel, Eric Anderson, Earl Millar e pela Fundação Penny McCall. Fotografia de Pope: Dennis Brack/Black Star.

5. Metrô de Berlim com o anúncio *When A Government Turns Its Back On Its People*

[Quando um governo dá as costas a seu povo], 1988

Impressão digital sobre papel

Cortesia de Gran Fury

6. *When a Government Turns Its Back on Its People, Is It Civil War?* [Quando um governo dá as costas a seu povo, seria uma guerra civil?], 1988

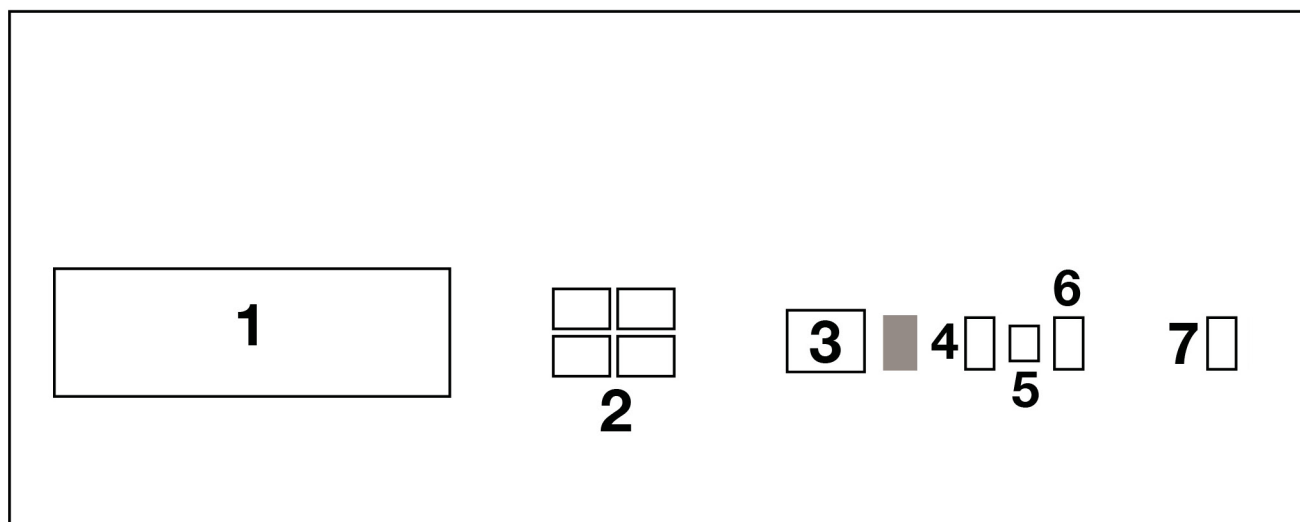
Impressão digital sobre papel

Obra comissionada para a exposição “Full Blown Image Aids: An Art Exhibition about Living and Dying”, neue Gesellschaft für bildende Kunst (nGbK), Berlim, Alemanha

QUANDO UM GOVERNO DÁ AS COSTAS A SEU POVO, SERIA UMA GUERRA CIVIL?

O governo dos EUA considera que 47.524 mortos de aids são dispensáveis. Será que não são as pessoas “certas” que estão morrendo? Isso não é um apartheid médico?

Parede 2



1. *Kissing Doesn't Kill (ver.1)* [Beijar não mata (versão 1)], 1989-1990

Impressão digital sobre papel

Trabalho comissionado para o projeto “Art

Against Aids: On the Road”, São Francisco, Estados Unidos

Beijar não mata: ganância e indiferença, sim.
Ganância corporativa, inação governamental e
indiferença pública fazem da aids uma crise política.

Os beijos dos casais inter-raciais Robert Vazquez-Pacheco e Heidi Dorow, Mark Simpson e Jose Fidelino, Julie Tolentino e Lola Flash, integrantes do Gran Fury e do ACT UP, compõem a primeira versão do painel *Kissing Doesn't Kill [Beijar não mata]*. O cartaz, que se apropria e subverte a linguagem das campanhas da marca Benetton, é um exemplo de interferência cultural por meio da manipulação ou do rompimento simbólico de mensagens publicitárias. Comissionado pelo projeto *Art Against Aids: On the Road*, o trabalho foi

estampado em vários ônibus e estações de metrô de São Francisco, Chicago, Nova York e Washington DC. Como um *anti-outdoor*, a peça recorria ao apelo visual da marca para informar sobre o equívoco de que beijar seria um comportamento de risco para o contágio pelo HIV; demarcava a diversidade que formava o coletivo e, além disso, apontava os agentes da morte que tornavam a aids uma crise política.

2. Bill Stamets

Painel *Kissing Doesn't Kill (ver.1)* [Beijar não mata (versão 1)], instalado em estação de metrô, 1990

Impressão digital sobre papel

Trabalho comissionado para o projeto “Art Against Aids: On the Road”, Estação Chicago Transit Authority, Estados Unidos.

3. Gran Fury

Painel *Kissing Doesn't Kill (ver.1)* [Beijar não mata (versão 1)], instalado sobre ônibus, 1989

Impressão digital sobre papel

Trabalho comissionado para o projeto “Art Against Aids: On the Road”, São Francisco, Estados Unidos.

Read My Lips capturou o mote da campanha presidencial de George H. W. Bush (1924-2018), que dizia “Read My Lips: No New Taxes” [Leia meus lábios: sem novos impostos], para promover outra campanha: a de beijaços contra a homofobia e contra a discriminação de pessoas com HIV. As ações faziam parte do contexto da *Spring Aids Action* e reforçava o que o beijo representava para o coletivo: um pacto político de afeto, orgulho, prazer e confiança.

A fotografia de dois marinheiros se beijando compôs o primeiro cartaz e estampou camisetas. As versões com mulheres foram produzidas utilizando imagens das décadas de 1890 e 1920, o que também chamava atenção para a invisibilidade das sexualidades femininas em uma perspectiva histórica. Ao lado de *Kissing Doesn't Kill* [Beijar não mata], esta campanha também dava centralidade ao beijo e buscava retomar o afeto e a sexualidade que vinham sendo destruídos pelo medo e pela desinformação sobre a aids.

4. Gran Fury

Painel *Kissing Doesn't Kill (ver.1)* [Beijar não mata (versão 1)], instalado sobre ônibus, 1989

Impressão digital sobre papel

Trabalho comissionado para o projeto “Art

Against Aids: On the Road”, São Francisco,
Estados Unidos

5. Lisa Howe-Ebright

Cartaz *Kissing Doesn't Kill (ver.1)* [Beijar não mata (versão 1)], manifestantes do ACT UP na Parada do Orgulho Gay, Chicago, 24 de junho de 1990

Impressão digital sobre papel

Lisa Ebright Photography, Windy City Times,
Chicago, Illinois, Estados Unidos

6. Gran Fury

Kissing Doesn't Kill [Beijar não mata], 1990

Vídeo, 30” (cada)

7. *Read My Lips (Men's ver.)* [Leia meus

lábios (versão homens)] ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988

Impressão digital sobre papel

8. *Read My Lips (Women's, 2 ver.)* [Leia meus lábios (mulheres, versão 2)] ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988

Impressão digital sobre papel

9. *Read My Lips (Women's, 1 ver.)* [Leia meus lábios (mulheres, versão 1)] ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988

Impressão digital sobre papel

LEIA MEUS LÁBIOS

BEIJAÇO

Sexta-feira, 29 de abril:

21h Marcha saindo do cruzamento da Christopher & West Sts.

22h Manifestação na Sheridan Square

22h30 Beijaço no cruzamento da 6th Avenue & 8th St.

23h30 Tracks-ACT UP/ACT NOW Evento beneficente

LUTE CONTRA A HOMOFOBIA: LUTE CONTRA A AIDS

AÇÃO CONTRA A AIDS NA PRIMAVERA DE 88:

Nove dias de ações e protestos relacionados à aids em todo o país.

10. ACT UP

Why We Kiss [Por que nos beijamos], circa década de 1980

Impressão digital sobre papel

Por que nos beijamos

BEIJAMOS em uma demonstração agressiva de afeto. Beijamos para protestar contra o preconceito cruel e doloroso que afeta a vida de lésbicas e gays. Beijamos para que todos que nos veem sejam forçados a confrontar sua homofobia. Beijamos para desafiar as convenções repressivas que proíbem demonstrações de amor entre pessoas do mesmo sexo. Beijamos como uma afirmação de nossos sentimentos, de nossos desejos, de nós mesmos.

Simplificando: os gays e as lésbicas existem. Existimos em todas as culturas. Sempre existimos e sempre existiremos. O que nos faz preferir o sexo entre pessoas do mesmo sexo deriva da mesma fonte que faz com que outros prefiram o sexo oposto. Não somos aberrações, anormais, desajustados ou mal orientados. Não somos maus; não somos uma

ameaça. Somos seres humanos, tão capazes de amor, compaixão e tudo o que há de melhor na humanidade quanto qualquer outro ser humano. No entanto, a sociedade em que vivemos nos rejeita, nos ignora e nos degrada. Somos pressionados a negar o desejo, a permanecer invisíveis e em silêncio. Aprender a aceitar e amar a nós mesmos, diante de tanta desaprovação, é uma batalha árdua que exige coragem e força de espírito.

Se você não acha que a homofobia é desenfreada nos Estados Unidos, considere o seguinte:

- Muitos políticos consideram que falar sobre questões relacionadas aos direitos de gays e lésbicas é suicídio político.
- Uma em cada dez lésbicas e um em cada cinco homens gays já foram agredidos fisicamente por causa de sua sexualidade.
- A imprensa tende a nos entrevistar somente

em formatos em que o mesmo tempo é dado àqueles que se opõem à nossa existência.

Imagine se, para proporcionar um “equilíbrio justo” de opiniões, uma emissora séria desse espaço somente para líderes comunitários judeus ou negros quando porta-vozes nazistas ou da Ku Klux Klan estivessem presentes.

- Recentemente, a Suprema Corte confirmou a decisão de Hardwick, que aprovou uma lei da Geórgia que nega aos gays e lésbicas que praticam atividades sexuais em suas próprias casas o direito à privacidade garantido pela Constituição.
- A Emenda Helms, que impede o financiamento federal de qualquer material educacional sobre a aids que possa ser interpretado como “promoção” do sexo lésbico ou gay, foi aprovada no Senado em uma votação de 96 votos a 2.
- O governo federal tem sido extremamente vagaroso em reagir à crise da aids, uma lentidão

que equivale a tolerar a morte de dezenas de milhares de homens gays.

- A Comissão de Direitos Civis está se opondo à legislação que autoriza a coleta de estatísticas de crimes relacionados a preconceitos, porque se opõe à inclusão da orientação sexual como uma categoria de preconceito. Isso ocorre apesar de a própria Comissão ter admitido que os crimes contra homens e mulheres gays, agravados por percepções sobre a aids, provavelmente são os crimes de ódio mais difundidos na atualidade.

Que tipo de pessoa decide que outra não merece ter o escopo completo das liberdades e dos direitos humanos por causa de quem ele ou ela escolhe amar? Que tipo de pessoa diz a outra que o amor dela ou dele não é real?

Estamos nos esforçando para libertar a nós mesmos e aos outros das algemas mentais impostas por uma sociedade que rejeita o

afeto entre pessoas do mesmo sexo. Para fazer isso, precisamos reconhecer o nosso próprio valor; precisamos nos recusar a ser uma minoria invisível. Devemos falar para aqueles que, de maneira casual, presumem que somos heterossexuais e nos assumirmos até para aqueles cuja rejeição mais tememos. Devemos impor a nossa presença e os nossos valores a todos que, até agora, se sentiram seguros o suficiente para negar a nossa própria existência. Temos que nos celebrar!

Coalizão da Aids para Libertar o Poder, NY
ACT UP/ ACT NOW

ACT UP é um grupo diverso e não partidário, unido pela raiva e comprometido com a ação direta para acabar com a crise da aids.

Parede 3



1. *Sexism Rears Its Unprotected Head* [O sexismo ergue sua cabeça desprotegida], ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988

Impressão digital sobre papel

2. *Give Me Your Tired, Your Poor, Your HIV Negative* [Dê-me seus cansados, seus pobres, seus HIV negativos], ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988

Impressão digital sobre papel

Division of Political History, National Museum
of American History, Smithsonian Institution,
Washington, DC, Estados Unidos.

DÊ-ME SEUS CANSADOS, SEUS POBRES,
SEUS HIV NEGATIVOS.

Os Estados Unidos da América estão dizendo
a imigrantes que, caso contrário, seriam
qualificados a residir [aqui], mas que caiam
fora se forem HIV positivos. Esses portadores
do vírus da aids vivem nos EUA há pelo
menos cinco anos e contraíram o vírus aqui. A
exportação de aids dá um novo significado à
nossa orgulhosa marca FEITO NA AMÉRICA.

Aids: Uma Crise Mundial. Manifestação dia
5 de maio às 16h, Edifício International, no

cruzamento da 50th Street & 5th Avenue.

AÇÃO CONTRA A AIDS NA PRIMAVERA DE 88:

Nove dias de ações e protestos relacionados à aids em todo o país.

3. *Aids Behind Bars* [Aids atrás das grades],
ACT UP, Ação contra a aids, primavera de 1988
Impressão digital sobre papel

25% DE TESTES POSITIVOS

Nas prisões, as pessoas com aids vivem metade do tempo daquelas que recebem tratamento do lado de fora. Vamos colocar a educação e o tratamento da aids atrás das grades.

As autoridades prisionais sabem que uma educação efetiva contra a aids, o uso de preservativos e de barreiras bucais reduzem os

riscos; no entanto, essas opções ainda não estão disponíveis para prisioneiros no estado de Nova York. Para protestar contra essa negligência impiedosa, envie um preservativo para Marion Borum, diretora adjunta de Serviços Voltados para Programas, do Departamento Correccional do Estado de Nova York, Campus da Secretaria de Estado, Edifício 2, Albany, NY 12226

Junte-se a nós em um protesto na terça-feira, dia 3 de maio, às 16h nos escritórios do Departamento Correccional do Estado de Nova York, Edifício Estatal Harlem, na 125th Street com o Adam Clayton Powell Boulevard. Entre os oradores estão Yolanda Serrano da, ADAPT, e Billy Jones, da Clínica Whitman Walker.

4. *All People with Aids Are Innocent* [Todas as pessoas com aids são inocentes], ACT UP, ação contra a aids, primavera de 1988

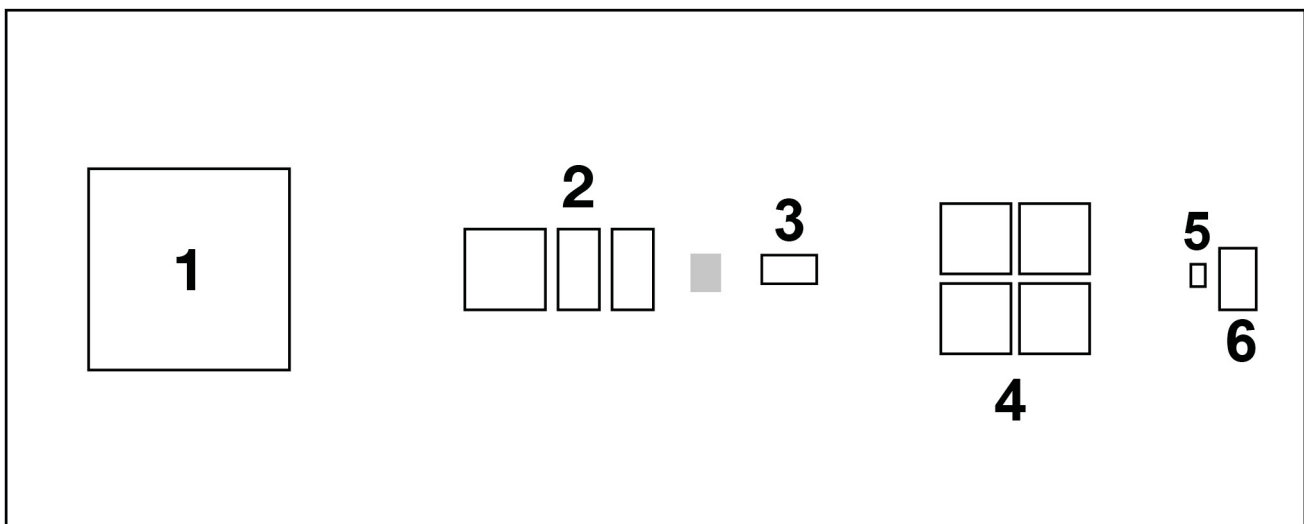
Impressão digital sobre papel

Division of Political History, National Museum
of American History, Smithsonian Institution,
Washington, DC, Estados Unidos

Entre março e abril de 1988, foram organizados nove dias de protestos em diversas partes dos Estados Unidos para reivindicar o cuidado médico para pessoas vivendo com o HIV. A ação foi chamada de *Spring Aids Action* e seus cartazes foram produzidos pelo Gran Fury, sendo um deles intitulado *All People with Aids Are Innocent* [Todas as pessoas com aids são inocentes]. Nele, vemos uma resposta contundente ao julgamento moral que frequentemente era direcionado às pessoas com aids e que as classificava como “inocentes” ou “culpadas”. Do primeiro grupo, faziam parte crianças, pessoas com

hemofilia e heterossexuais, ao passo que gays, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis seriam culpados por terem a doença e por transmitirem o vírus. Portanto, dizer que “todas as pessoas com aids são inocentes” junto a um emblema alusivo à saúde foi uma forma de defender um tratamento médico digno e sem julgamentos.

Parede 4



1. **RIOT** [Rebelião], 1988/2019

Acrílica sobre madeira

RIOT [Rebelião] foi concebida pelo Gran Fury como uma pintura a óleo feita por Mark Simpson em 1988 para uma exposição em uma galeria em Berlim, na Alemanha. A obra respondia a um trabalho do coletivo canadense General Idea, que, em 1987, criou uma série de instalações e serigrafias com o acrônimo *aids*, com as letras organizadas do mesmo modo que *RIOT* – ambas retomando visualmente a famosa pintura *LOVE* (1970), de Robert Indiana (1928- 2018). Para o Gran Fury, no contexto da crise da *aids*, se o amor pode levar à *aids* (de acordo com o trabalho do General Idea), então a *aids* deve levar à revolta. Atualmente, a pintura original do Gran Fury permanece desaparecida.

Em 2019, RIOT ressurgiu como um adesivo distribuído pelo Lesbian, Gay, Bisexual & Transgender Community Center para a Parada do Orgulho de Nova York, recordando também os 50 anos da Revolta de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969.

2. *The New York Crimes*, ACT UP, A
prefeitura como alvo, Nova York, Estados Unidos, 1989/2012

Impressão offset sobre papel jornal

CRÍTICA À MÍDIA

O ACT UP com frequência criticava as publicações da mídia tradicional por não noticiarem ou interpretarem de maneira equivocada as questões relacionadas à aids.

Essas omissões incluíam a pouca atenção que o *New York Times* deu à aids – ao mesmo tempo em que cobria de maneira ampla o surto de legionelose ou o caso do Tylenol contaminado que afetou muito menos gente –, ou a garantia da revista *Cosmopolitan* às suas leitoras de que elas não precisavam se preocupar com a aids pois não faziam parte de um dos grupos de risco. O Comitê de Mídia do ACT UP divulgou comunicados à imprensa para combater essas distorções, pedindo correções aos repórteres, e formou seus membros para que fizessem um lobby eficaz junto aos editores. Alguns membros do ACT UP trabalhavam em empresas de televisão, e sua experiência ajudou a moldar o sucesso de manifestações maiores. A fim de contar a nossa história para um público mais amplo, recebemos treinamento específico em pequenos trechos de fala (sound bites) e

aprendemos a evitar discursos longos que não seriam adequados ao formato do noticiário noturno, dando preferência a respostas curtas e fortes. O ACT UP também trabalhou para cooptar as principais fontes de notícias, inserindo as nossas questões no contexto da mídia, na interseção dos protestos com as relações públicas. As táticas incluíam a criação de eventos prontos para serem filmados, como a encenação de uma manifestação na tomada da sede da *Food and Drug Administration*, em Maryland, ocorrida em 1989, ou a elaboração de imagens gráficas poderosas e apropriadas para a televisão, como colocar um preservativo gigante sobre a casa de Jesse Helms. Os membros do ACT UP também se inseriram fisicamente no noticiário, como em 1991, quando manifestantes invadiram o set de filmagens durante *The New York Crimes*, ACT UP, A prefeitura como alvo,

Nova York, Estados Unidos [City Hall as a target, New York, United States], 1989/2012
Impressão offset sobre papel jornal [Offset print on newsprint] o programa noturno do âncora da CBS, Dan Rather, gritando: “Lute contra a aids, não contra os árabes! A aids é notícia!”
Por fim, grupos como o Gran Fury criaram mídias que imitavam a forma e a linguagem da publicidade convencional, as quais eram colocadas em conhecidos espaços de anúncios e apresentavam mensagens ativistas em um “mercado” supostamente apolítico. A habilidade do ACT UP e do Gran Fury de se apropriarem de estratégias do mundo da arte e da mídia e aplicá-las no campo político da ação direta estava entre os aspectos mais distintos – e, sem dúvida, eficazes – do movimento.
O folheto “Beware” (“Cuidado”) foi publicado pelo Comitê de Mídia do ACT UP para ensinar

repórteres e editores sobre o uso equivocado de “chavões”. Corrigir os “chavões” usados pela mídia ajudou a tornar possível esse aprendizado. O uso de palavras tendenciosas ou de expressões pouco claras prejudicou os esforços dos ativistas para ensinar a população em geral sobre os fatos relacionados à epidemia de aids e ao HIV. Conferiu-se atenção especial à produção de panfletos com aparência profissional, o que aumentava as chances de as demandas do ACT UP serem levadas a sério.

BEWARE (CUIDADO)

Chavões relacionados à aids: eles desinformam, ofendem e promovem a ignorância.

Jody Powell, ex-secretário de imprensa da Casa Branca, identificou os seguintes termos e expressões como “chavões” que não devem ser

usados por repórteres ou que exigem maiores explicações. Seus comentários foram extraídos de *You Can Do Something About Aids*, publicado pelo *Stop Aids Project*, Boston, Massachusetts, 1988.

Termo/expressão Problema

Fluidos corporais: “[...] nunca deve ser usado sem uma explicação sobre quais fluidos corporais realmente contêm o vírus HIV em concentrações suficientes para transmitir a doença. [...] Suor, saliva e lágrimas são fluidos corporais, mas não representam uma ameaça de infecção pelo HIV. As reportagens sobre aids devem deixar claro que sêmen, fluidos vaginais e sangue constituem a preocupação nesse caso”.

População em geral: “[...] divide de maneira artificial os norte-americanos entre aqueles que têm a doença e aqueles que não a têm. Todas as pessoas que têm aids – independentemente de orientação sexual, raça, gênero ou como foram expostas ao vírus – fazem parte da ‘população em geral’”.

Grupos de alto risco: “[...] implica que alguma característica demográfica, não uma prática comportamental, é responsável pela exposição à aids”. EXPRESSÃO ADEQUADA: comportamento de alto risco.

Vítimas da aids: “As pessoas com aids não são vítimas; são pessoas que lutam para levar uma vida normal diante de uma doença fatal. Nós não nos referimos a pessoas com outras doenças como vítimas [...]” EXPRESSÃO PREFERÍVEL: pessoas com aids.

Vírus HIV vs. “aids”: “Muita gente ainda confunde a exposição ao vírus HIV com a doença em si. Estima-se que mais de 1 milhão de pessoas tenham sido expostas ao vírus; cerca de 50 mil casos reais foram relatados.* A cobertura jornalística deve sempre explicar essa diferença”.

Preservativos: “As reportagens que recomendam o uso de preservativos para reduzir o risco de exposição ao HIV devem afirmar de maneira clara que os preservativos de látex com espermicida são preferíveis (os preservativos feitos de intestino de cordeiro podem não fornecer a proteção necessária)”.

Contato sexual íntimo: “[...] uma expressão educada que não transmite nada de útil ao leitor (muita gente considera que beijos e carícias são íntimos). Sabe-se que certas práticas sexuais –

em especial a relação anal sem proteção – têm probabilidades muito maiores de transmissão do HIV do que outras. Os artigos e as notícias devem deixar isso claro”.

A Aids Coalition To Unleash Power [Coalizão da aids para libertar o poder] (ACT UP) entende que os seguintes termos e expressões também apresentam problemas.

Vítimas inocentes: Expressão às vezes usada para se referir a crianças com aids ou aquelas que contraíram aids por meio de transfusões de sangue; a expressão contém um julgamento de valor que implica que algumas pessoas com aids podem ter culpa de alguma coisa”. O termo “vítimas” também é problemático (veja acima).

Portador de aids: O termo “portador” é remanescente da histeria relacionada à febre

tifoide que ocorreu na década de 1920 e pode provocar reações semelhantes. TERMOS ADEQUADOS: pessoa HIV(soro)-positiva ou pessoa com aids (dependendo da condição).

Ativismo contra a aids vs. direitos dos homossexuais: Às vezes, os grupos de ativistas contra a aids são chamados de forma incorreta de grupos a favor dos direitos dos homossexuais. Embora alguns ativistas contra a aids também façam campanha pelos direitos dos homossexuais e algumas questões possam coincidir, os dois assuntos não devem ser confundidos.

Praticar/ fazer sexo: Também é uma expressão imprecisa; consulte “contato sexual íntimo” (acima). Se você tiver dúvidas sobre os termos e expressões desta lista ou de outras, entre em contato com o Comitê de Mídia do ACT UP pelo

telefone 212-533-8888.

* Dados desatualizados

The Aids Coalition To Unleash Power [Coalizão da aids para libertar o poder]

ACT UP

GRAN FURY

Em 29 de junho de 1989, um editorial do jornal *The New York Times*, “Why Make Aids Worse than It Is?” [Por que tornar a aids pior do que é?] dizia que a disseminação do HIV estava controlada e que os homossexuais “inflacionavam os números da aids”. O Gran Fury imprimiu exemplares de um jornal falso de quatro páginas que mimetizava os elementos gráficos do *New York Times* com textos do ACT UP e com suas próprias notícias e gráficos densos respondendo àquele editorial – reproduzido também como material de outro trabalho do Gran

Fury, Control [Controle], feito no mesmo ano para a revista *Artforum*. *The New York Crimes* [Os crimes de Nova York] corrigiu a identidade e as informações equivocadas da cobertura da mídia sobre o HIV/aids. O Gran Fury e membros do ACT UP saíram pelas ruas durante a madrugada abrindo as caixas de venda do *The New York Times*, retirando os exemplares e substituindo suas primeiras páginas pelo jornal falso.

3. *During this Program at Least 6 People with Aids Will Die* [Durante este programa, pelo menos 6 pessoas com a aids morrerão], inserção no programa *The Bessies* [insertion in *The Bessies* show], New York Dance and Performance Awards, 1988

Impressão digital sobre papel

DURANTE ESTE PROGRAMA, PELO MENOS 6
PESSOAS COM AIDS MORRERÃO.

Nós, cordialmente, convidamos você a:

Transformar o luto em ação.

Amar-se de fatos.

Demandar acesso à assistência médica, a
medicamentos experimentais, à educação clara
sobre aids e à proteção jurídica para todos.

4. *Control* [Controle], Artforum, outubro de 1989

Impressão digital sobre papel

Um milhão [de pessoas com aids] não é um
mercado empolgante. Com certeza está
aumentando, mas não é asma. — Patrick
Gage, Hoffman-La Roche, Inc. ISTO É PARA
ENFURECER VOCÊ.

Este é um dos milhares de bebês que vivem com HIV nos Estados Unidos da América. Estes bebês foram fotografados nos braços de princesas e primeiras-damas, são objetos de atenção midiática e simpatia do público, e têm acesso a assistência médica e a testes de medicamentos que muitas vezes são negados a seus pais. Estas “vítimas mais inocentes da aids” são úteis em termos simbólicos como repositórios de sentimentos para refletir os valores daqueles que estão no controle. Mas e suas mães?

“Objetivo: proibir que quaisquer fundos fornecidos por este Ato aos Centros de Controle de Doenças sejam usados para oferecer educação, informação ou materiais e atividades de prevenção que promovam, incentivem ou tolerem atividades sexuais homossexuais ou o uso intravenoso de drogas ilegais”. — Emenda proposta por Jesse

Helms a um projeto de lei nas áreas de trabalho, saúde, serviços humanos e educação para o ano fiscal de 1988.

“Objetivo: proibir o uso de fundos federais destinados às artes para promover, disseminar ou produzir materiais obscenos ou indecentes, incluindo, entre outros, representações de sadomasoquismo, homoerotismo, exploração de crianças ou indivíduos envolvidos em atos sexuais”. — Emenda proposta por Jesse

Helms a um projeto de lei de verbas do Senado em julho de 1989. Ambas as emendas foram aprovadas com maioria esmagadora e com pouquíssima discussão.

Gran Fury

5. *Aids: 1 in 61 (Scared Fags Crap)*

[Aids: 1 em cada 61 (bobagem de veados medrosos)], 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

6. *Aids: 1 in 61* [Aids: 1 em cada 61], ACT UP, Comitê de Mulheres para a manifestação “revista Cosmopolitan”, 1988

Impressão digital sobre papel

Aids: 1 em cada 61

Um em cada 61 bebês nascidos na cidade de Nova York tem aids ou apresenta resultado

positivo para anticorpos do HIV.

Então, por que a mídia está nos dizendo que os heterossexuais não correm risco?

Porque esses bebês são negros ou hispânicos.

Ignorar a cor é ignorar os fatos da aids.

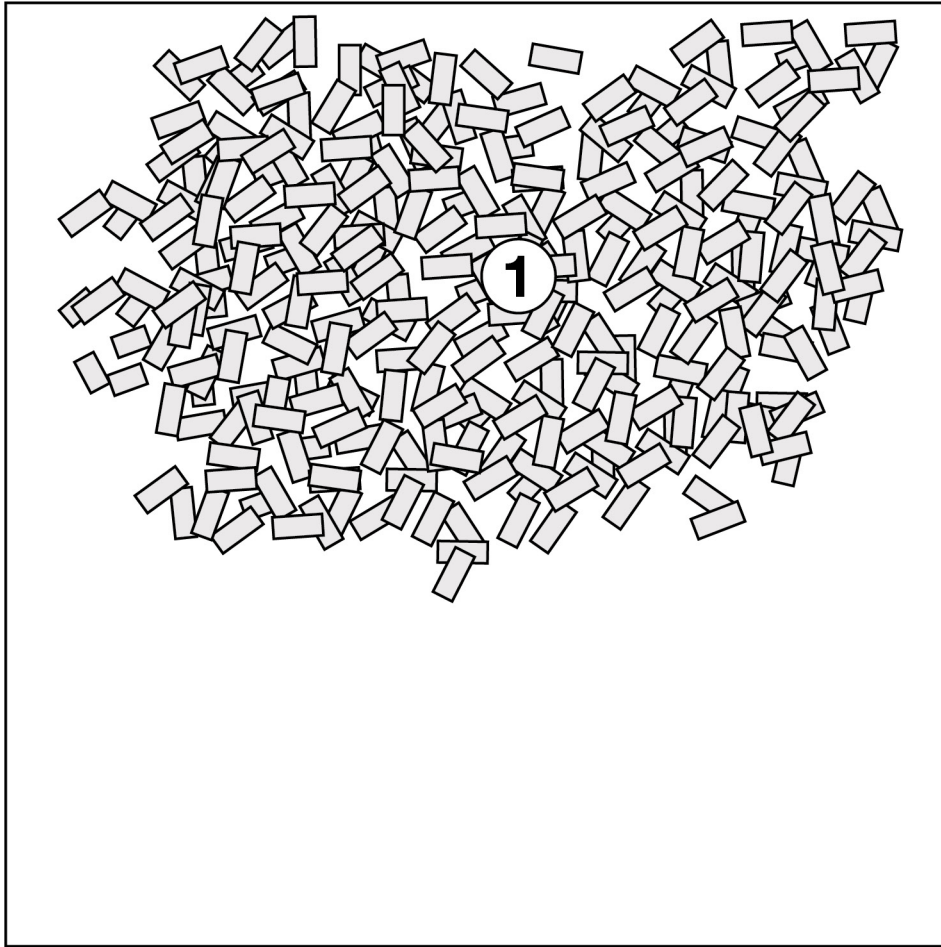
CHEGA DE RACISMO: LUTE CONTRA A AIDS.

ACT UP Coalizão da Aids para Libertar o Poder
(212) 533-8888

ACT UP é um grupo diverso e não partidário, unido pela raiva e comprometido com a ação direta para acabar com a crise da aids.

GRAN FURY é um grupo de indivíduos unido pela raiva e comprometido em explorar o poder da arte para acabar com a crise da aids.

Chão da sala 1



1. *Wall Street Money (10 dollar bill)* [Dinheiro de Wall Street (nota de 10 dólares)], 1988

Fotocópia sobre papel

Homens brancos heterossexuais não pegam aids...

NÃO APOSTE NISSO.

Revide. Lute contra a aids.

Wall Street Money (50 dollar bill) [Dinheiro de Wall Street (nota de 50 dólares)], 1988

Fotocópia sobre papel

POR QUE ESTAMOS AQUI?

Porque a sua negligência maligna MATA.

Revide. Lute contra a aids.

Wall Street Money (100 dollar bill) [Dinheiro de Wall Street (nota de 100 dólares)], 1988

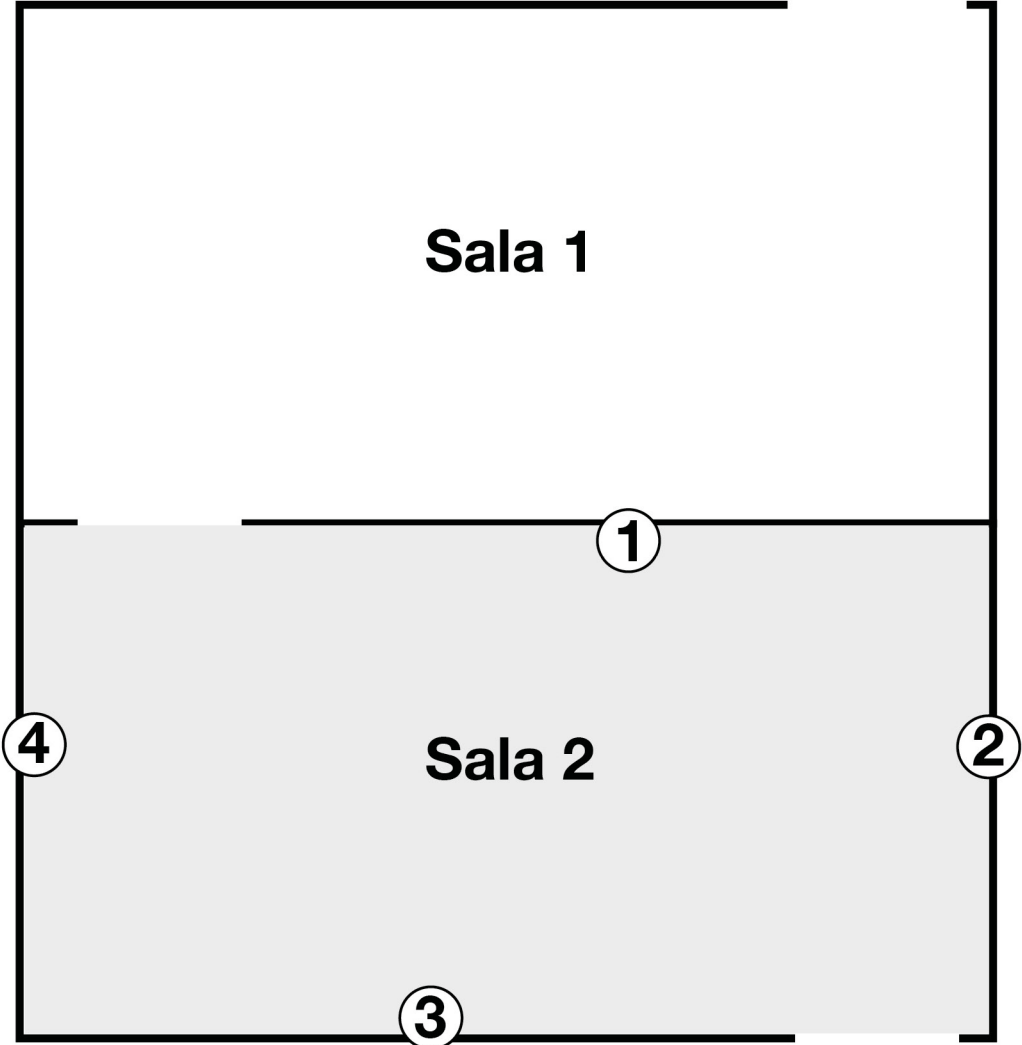
Fotocópia sobre papel

FODA-SE A EXPLORAÇÃO DE VOCÊS.

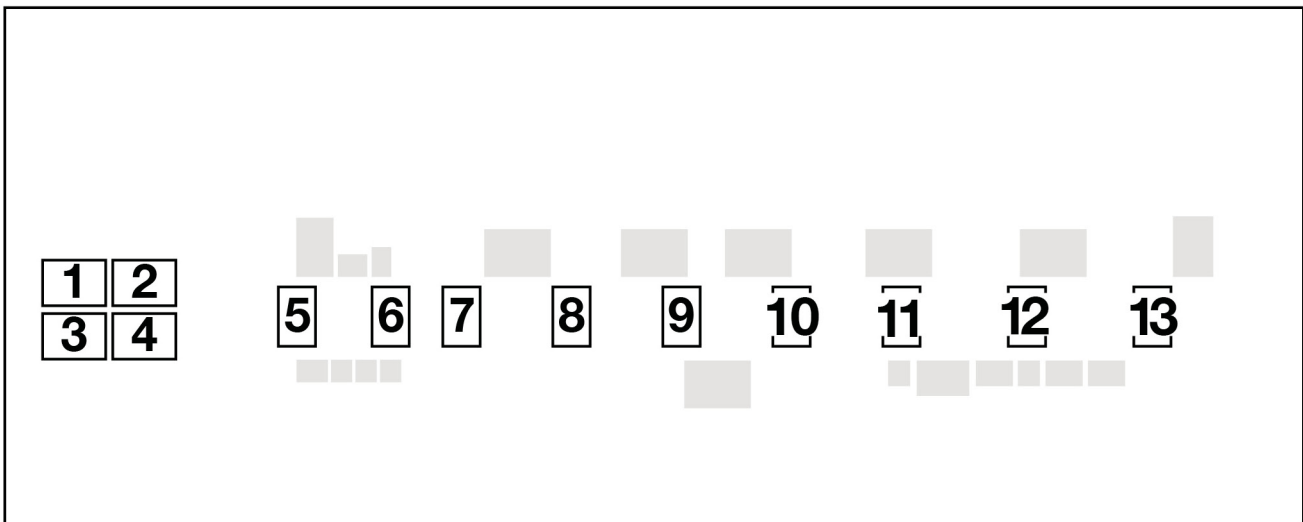
As pessoas estão morrendo enquanto vocês brincam de fazer negócios.

Revide. Lute contra a aids.

Sala 2



Parede 1



1. Registro de ***All People with Aids Are Innocent*** [Todas as pessoas com aids são inocentes], banner disposto diante da agência de serviço social Henry Street Settlement, Nova York, Estados Unidos, 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

2. *Outdoor Welcome to America* [Bem-vindos à América], SoHo, esquina da Broadway com a Houston, 1989

Impressão digital sobre papel

Image World: Artand Media Culture, patrocinado pelo Whitney Museum of American Art, Nova York, Estados Unidos

3. *Just Do It* [Apenas faça], 1991

Impressão digital sobre papel

Apoio parcial da Art Matters, Estados Unidos [United States] Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

Precisamos de mais do que mágica.

Precisamos que George Bush acabe com a

crise da aids.

Just do it / Apenas faça.

4. Adesivo *Condoms or Beat It* [Homens, usem camisinhas ou se virem], sobre muro, 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

ACT UP

Como um complemento documental e histórico ao trabalho gráfico realizado pelo Gran Fury, Arte não é o bastante reúne panfletos produzidos pela ACT UP - Aids Coalition to Unleash Power [Coalizão da aids para libertar o poder], assim como registros fotográficos de manifestações

realizadas pela organização, como Seize Control of the FDS [Tomem controle da FDA]. em 11 de outubro de 1988. Em Rockville, no estado de Maryland, 1,5 mil ativistas caminharam até a sede da Food and Drug Administration (FDA) para exigir a revisão e a rápida aprovação de novos medicamentos para o tratamento contra o HIV, campanhar públicas sobre a aids e a garantia de cuidados essenciais com a inclusão de todos os grupos infectados pelo HIV. Nesses registros, é possível observar a presença dos cartazes do Gran Fury e de outras imagens produzidas antes da formação do coletivo, como SILENCE = DEATH (1987) e AIDSGATE (1987), ambos de autoria do coletivo Silence = Death Project, e He Kills Me [Ele me mata] (1987), criado por Donald Moffett e que coloca o presidente Ronald Reagan (1911-2004) no centro da crise da aids como um genocida. Os panfletos produzidos pelo ACT UP

buscam informar, apresentar dados e convocar as pessoas para a ação direta coletiva.

5. *ACT UP Let the record show* [Deixe os registros mostrarem], 1987

Impressão digital sobre papel

DEIXE OS REGISTROS MOSTRAREM...

William F. Buckley desvia as críticas à lenta resposta do governo à epidemia por meio de cálculos: “No máximo três anos foram perdidos... esses três anos mataram aproximadamente 15 mil pessoas; se estamos falando de 50 milhões de mortos, então o custo do atraso não é alto...”

DEIXE OS REGISTROS MOSTRAREM...

Seguindo a tradição da Alemanha nazista de

Hitler, William F. Buckley propôs tatuar quem fosse HIV positivo... Silêncio geral... Clamor... Buckley retirou sua declaração... Silêncio geral... Buckley reiterou sua crença... Silêncio geral...

ACT UP, REVIDE, LUTE CONTRA A AIDS

DEIXE OS REGISTROS MOSTRAREM...

Desde 2 de novembro de 1987, 47.757 norte-americanos foram diagnosticados com aids... Dez vezes mais têm um complexo relacionado à aids (Arc) e dez vezes mais estão infectados...

DEIXE OS REGISTROS MOSTRAREM...

Em uma carta de 24 de abril de 1987 com o objetivo de angariar fundos para os membros da maioria moral, Jerry Falwell escreveu: “Os homossexuais manifestaram a postura de que vão morrer – e vão levar consigo o mesmo

número de pessoas para penalizar os norte-americanos inocentes, multiplicando os custos dos planos de saúde em todos os lugares. Você poderia enviar uma contribuição de US\$ 100 ou US\$ 50 hoje?” O império religioso de Falwell terá uma receita de aproximadamente US\$ 200 milhões este ano...

ACT UP, REVIDE, LUTE CONTRA A AIDS

DEIXE OS REGISTROS MOSTRAREM...

Em junho de 1986, foram alocados US\$ 47 milhões para testes de novos medicamentos para incluir 10 mil pessoas com aids. Um ano depois, apenas mil pessoas estão inscritas. Nesse período, mais de 9 mil norte-americanos morreram em consequência da aids.

6. *ACT UP Aids Is Not a Ball Game* [A aids não é um jogo], 1988

Impressão digital sobre papel

A AIDS NÃO É UM JOGO.

HOMENS! NÃO COLOQUEM EM RISCO AS
MULHERES QUE VOCÊS AMAM.*

A aids é a principal causa de morte entre mulheres de 25 a 34 anos de idade em Nova York.

AQUI ESTÁ O PLACAR:

PRIMEIRO:

Apenas uma mulher foi incluída nos testes patrocinados pelo governo de novos medicamentos contra a aids.

SEGUNDO:

As mulheres diagnosticadas com aids morrem duas vezes mais rápido do que os homens.

TERCEIRO:

Em Nova York, o número de mulheres com aids triplicou, como resultado do contato sexual com homens desde a World Series de 1984. O “GRAND SLAM”: A MAIORIA DOS HOMENS AINDA NÃO USA PRESERVATIVOS.

USE PRESERVATIVOS. SEM LUVA, SEM AMOR.

*E se você não puder transar com quem ama, proteja quem está transando com você.

AÇÃO CONTRA A AIDS NA PRIMAVERA

DE 1988 — Nove dias de ações e protestos nacionais relacionados à aids.

GRAN FURY

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

ACT UP/ACT NOW

Coalizão da Aids para

Libertar o Poder

(212) 533-8888

O ACT UP é um grupo diverso e não partidário, unido pela raiva e comprometido com a ação direta para acabar com a crise da aids

7. ACT UP *Que la historia muestre* [Que a história mostre], circa década de 1980

Impressão digital sobre papel

QUE A HISTÓRIA MOSTRE

Que 6 mil homens homossexuais e bissexuais morreram em consequência da aids.

Que se estima que 300 mil homens homossexuais e bissexuais de Nova York, dos quais 25% fazem

GRAN FURY

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

parte de minorias, sejam HIV positivos.

Que, de acordo com a Comissão de Saúde da cidade de Nova York, sem uma cura, 80% deles morrerão dentro de 15 anos.

Que uma cidade com quase meio milhão de cidadãos vivendo com HIV tenha apenas duas clínicas para cuidar deles.

Que Ed Koch, prefeito da cidade com a maior parte dos casos de aids no mundo, revogou todos os recursos do grupo contra a discriminação da aids.

Que não houve um programa municipal dirigido aos homens homossexuais de minorias, nem mesmo este ano – Koch disse “não!”.

Que a Food and Drug Administration (Agência de Alimentos e Medicamentos) ainda se nega a dar o consentimento para 40 medicamentos que têm resultados efetivos contra a aids.

Que pessoas com aids foram obrigadas a obter

esses medicamentos em outros países, e que os EUA pediram que países amigos não vendessem essas drogas para norte-americanos.

Que a emenda do senador Jesse Helms acabou com quaisquer recursos para materiais educacionais destinados à comunidade homossexual.

Que as mulheres foram efetivamente excluídas de todos os tratamentos que testam drogas experimentais e que, na realidade, pesquisas sobre mulheres e aids são quase inexistentes.

Que ainda que o número de lésbicas com aids aumente, os Centers for Disease Control and Prevention (Centros de Controle e Prevenção de Doenças) não têm nenhuma categoria de casos de infecção e transmissão entre lésbicas.

Que os casos de violência contra homossexuais, em particular quando o agressor menciona a aids, triplicaram desde 1984.

Que a Comissão Federal da Aids disse que

a falta de leis federais vigentes contra a discriminação causou alvoroço nacional.

Que o cirurgião-geral dos EUA disse que a demora homicida do governo em reconhecer e tratar a aids é resultado direto da discriminação oficial contra os homossexuais.

TEMOS QUE LUTAR!

O ACT UP foi formado em março de 1987 para declarar o governo culpado pelo homicídio que cometeu. Acreditamos que o governo se negou a responder de maneira rápida e efetiva contra a aids porque a aids é vista como uma doença de grupos ignorados: homossexuais, viciados em drogas injetáveis e minorias. Continuaremos a lutar contra a indiferença e contra a estupidez oficial. Continuaremos a ser testemunhas da negligência criminosa que devastou nossa

comunidade. Conseguiremos isso por meio da ação direta, porque acreditamos que chega de cuidar de nós mesmos tranquilamente.

Participamos com orgulho dos Dias de Orgulho Gay e Lésbico. Reconhecemos que cada homem homossexual e cada lésbica que morreram em consequência da aids foram vítimas de violência contra os homossexuais. Marchamos pelas pessoas corajosas que vivem com esse mal e com respeito por todas aquelas que faleceram.
ACT UP! REVIDE! LUTE CONTRA A AIDS!

COALIZÃO DA AIDS PARA LIBERTAR O PODER
(212) 533-8888

Junte-se a nós às segundas-feiras às 19h30 no Centro, 208 W. 13th St.

O ACT UP é um grupo diverso e não partidário, unido pela raiva e comprometido com a ação direta para acabar com a crise da aids.

8. ACT UP Aids, Politics, & \$\$\$ [Aids, política & \$\$\$], circa década de 1980

Impressão digital sobre papel

AIDS, POLÍTICA, & \$\$\$

Em julho de 1976, uma nova e estranha doença atingiu os legionários norte-americanos em uma convenção na Filadélfia. Em dez dias, o Serviço de Saúde Pública iniciou uma investigação e, em seis meses, todos os recursos da nação foram mobilizados para identificar essa nova doença, tratá-la e evitar sua recorrência. Até então, 29 pessoas haviam morrido.

Em junho de 1981, o governo dos EUA reconheceu pela primeira vez a epidemia de aids. No entanto, as pesquisas governamentais foram iniciadas apenas 18 meses depois, após

a identificação de 1,8 mil casos. O presidente pronunciou publicamente a palavra “aids” somente em 1987. Foram necessários seis anos e 20 mil mortes para que ele anunciasse suas primeiras e únicas ações contra a doença: solicitar testes de anticorpos em larga escala e indicar uma comissão consultiva que não continha um único especialista em aids. No entanto, até mesmo as primeiras recomendações dessa comissão, para aumentar o financiamento e criar uma política nacional abrangente, estão sendo ignoradas. Este governo tem resistido publicamente a todos os esforços para proteger os direitos das pessoas com aids, para educar o público contra a disseminação da doença e para aumentar o financiamento para combatê-la. O ACT UP foi formado em março de 1987, com o objetivo de responsabilizar publicamente o governo por sua participação nesse genocídio.

Acreditamos que o governo não agiu de forma rápida e eficaz contra essa doença, porque ela era vista como uma doença de minorias marginais: homens gays, usuários de substâncias químicas injetáveis e pessoas não brancas.

EM NENHUMA OUTRA CIRCUNSTANCIA AS MORTES PROJETADAS DE CENTENAS DE MILHARES DE NORTE-AMERICANOS SERIAM CONSIDERADAS “PERDAS ADMISSÍVEIS”.

Há um ano, nós protestamos aqui, no centro dos recursos financeiros desta nação, para exigir o direcionamento desses recursos à luta total contra essa doença. No entanto, em vez de uma ação construtiva, hoje o governo está permitindo, e até mesmo incentivando, o lucro das empresas farmacêuticas às custas das pessoas com aids; os Institutos Nacionais de Saúde estão lançando propostas racistas para testar vacinas em grande escala na África; e o governo está desviando a

ênfase nas pesquisas por uma cura para uma política de contenção, concretizando o completo abandono de toda uma classe de pessoas afetadas por essa doença. Não temos outra opção a não ser lutar por nossas vidas.

Reconhecemos que cada morte por aids é um ato de violência racista e homofóbica e não vamos mais tolerar a negligência criminosa do nosso governo. Juramos continuar esta luta e, por meio de nossas detenções, testemunhar o genocídio. Estamos aqui em nome dos 25 mil norteamericanos que vivem com essa doença e em respeito aos 32 mil que morreram por causa dela.

NÃO VAMOS NOS CALAR.

NÃO VAMOS DESAPARECER.

EXIGIMOS:

- UMA POLÍTICA NACIONAL ABRANGENTE E

GRAN FURY

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

SOLIDÁRIA PARA A AIDS! Exigimos uma legislação que proíba a discriminação nas áreas de emprego, moradia, planos de saúde e assistência médica.

- UM PROJETO NACIONAL DE EMERGÊNCIA PARA A AIDS, com poderes para eliminar a burocracia e direcionar a política nacional para a aids!

- ESFORÇOS INTENSIFICADOS DE TESTES E PESQUISAS DE MEDICAMENTOS E TRATAMENTOS, com ênfase na disponibilização de uma gama mais ampla de testes de medicamentos para todas as pessoas com aids, ARC ou que vivem com HIV.

- UM PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM GRANDE ESCALA, CULTURALMENTE SENSÍVEL, destinado a alcançar todos os indivíduos, em especial aqueles dos grupos de maior risco, com informações e materiais suficientemente explícitos para cumprir essa tarefa.

CHEGA DE SEMPRE O MESMO!

SILÊNCIO = MORTE

ACT UP

Coalizão da Aids para Libertar o Poder

(212) 533-8888

O ACT UP é um grupo diverso e não partidário, unido pela raiva e comprometido com a ação direta para acabar com a crise da aids.

9. *ACT UP 25.000 are dead* [25 mil estão mortos], *circa* década de 1980

Impressão digital sobre papel

25.000 ESTÃO MORTOS

300 MORREM POR SEMANA

UM A CADA MEIA HORA

Desde a reunião introdutória da Comissão

Presidencial em julho, 2,4 MIL PESSOAS
MORRERAM POR CAUSA DA AIDS!

Até 23 de outubro — data do Relatório
Preliminar da Comissão: MAIS 2,4 MIL
PESSOAS TERÃO MORRIDO!

ATÉ JULHO DE 1988, QUANDO O
RELATÓRIO FINAL DA COMISSÃO DEVERÁ
SER ENTREGUE: MAIS 12 MIL HOMENS,
MULHERES E CRIANÇAS NORTE-
AMERICANOS ESTARÃO MORTOS!!! (ESSES
NÚMEROS SÃO MUITO OTIMISTAS)

Ronald Reagan IGNOROU categoricamente os
seguintes relatórios:

- Do cirurgião-geral, C. Everett Koop, que se opôs aos testes e pediu educação pública em massa.
- Um painel da Academia Nacional de Ciências

e do Instituto de Medicina que pedia gastos federais imediatos para pesquisa e educação sobre a aids.

- O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, que se opôs à testagem obrigatória por considerá-la contraproducente e um desperdício e pediu uma campanha imediata de educação e aconselhamento.

Por que Reagan leria — e muito menos agiria — com base nesse relatório? ELE NÃO VAI (FAZER ISSO)!

ESTA COMISSÃO É MAIS UMA MANOBRA ADMINISTRATIVA PARA EVITAR AÇÕES EFETIVAS CONTRA ESTA DOENÇA!!!!!!

CONDENAMOS O FLAGRANTE DESRESPEITO DESTA ADMINISTRAÇÃO PELA VIDA HUMANA!

ELES DEMONSTRARAM, POR MEIO
DE SUA INAÇÃO, QUE 25 MIL VIDAS
NORTEAMERICANAS SÃO DISPENSÁVEIS.

NO QUE LHES DIZ RESPEITO, O TIPO CERTO
DE PESSOAS NÃO ESTÁ MORRENDO.

AINDA!

ACT UP

Coalizão da Aids para Libertar o Poder

496A Hudson Street Suite

g4 New York NY 10014

(212) 533-8888

**10. *ACT UP National Aids Demonstration
at the White House*** [Manifestação nacional
contra a aids na Casa Branca], 1987

Impressão digital sobre papel

MANIFESTAÇÃO NACIONAL CONTRA A AIDS NA CASA BRANCA

1º de junho de 1987

12:30 — Casa Branca

16:00 — Conferência Internacional sobre Aids no
Washington Hilton

ESTAMOS INDIGNADOS:

- Com a política de negligência maligna do governo
- Com a inação irresponsável deste presidente
- Com a indiferença vergonhosa de nossos representantes eleitos
- Com a acumulação criminosa de fundos apropriados por órgãos governamentais

Eles desperdiçam o nosso dinheiro, o nosso tempo e as nossas vidas! TIRE UM DIA DE

GRAN FURY

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

FOLGA DO TRABALHO... TRANSFORME SUA RAIVA EM AÇÃO!

Os ônibus fretados sairão do Community Center, 208 West 13th Street, às 6:00 e retornarão à noite. US\$ 20,00 ida e volta. Envie um cheque até 26 de maio para o endereço abaixo, ou ligue para (212) 460-5681. Inclua seu nome, endereço e número de telefone.

PATROCINADO PELA COALIZÃO DA AIDS
PARA LIBERTAR O PODER e por outras
organizações afins em Washington, Los
Angeles e São Francisco.

A.C.T.U.P.

496A Hudson Street, Suite
G4, Nova York, NY 10014

11. *ACT UP Missing 200,000 New Yorkers*

[Procuram-se 200 mil nova-iorquinos], 1988

Impressão digital sobre papel

DESAPARECIDOS: 200 MIL NOVA-IORQUINOS

Na terça-feira, 19 de julho de 1988, o comissário de Saúde da cidade de Nova York, Stephen C. Joseph, anunciou novas estimativas sobre o número de homens gays e bissexuais infectados pelo HIV, reduzindo a estimativa anterior de 250 mil em 400%, para 50 mil. Essa estatística tem como base uma estimativa absurda de que apenas 100 mil homens gays e bissexuais vivem em NYC. Historicamente, diversos grupos — mulheres, crianças, pessoas não brancas e usuários de drogas injetáveis — foram invisibilizados pelas políticas e pelos serviços

de aids da cidade. Isso é inaceitável. Agora, a cidade quer tornar invisíveis também os homens gays e bissexuais. Isso também é inaceitável. STEPHEN JOSEPH DIZ QUE VOCÊ NÃO EXISTE. PROVE QUE ELE ESTÁ ERRADO! COMPAREÇA! COMÍCIO E MANIFESTAÇÃO QUINTA-FEIRA, 28 DE JULHO NYC HEALTH DEPT. 125 WORTH ST. NA FOLEY SQ. (ESTAÇÃO DE METRÔ BROOKLYN BRIDGE/CITY HALL) ACT UP 4:00 – 6:30 PM SILÊNCIO = MORTE

NÓS EXISTIMOS! O SISTEMA DE SAÚDE DA CIDADE, NÃO

12. *ACT UP Stop Church Interference in Our Lives* [Fim da interferência da Igreja em nossas vidas], 1989

Impressão digital sobre papel

FIM DA INTERFERÊNCIA DA IGREJA EM NOSSAS VIDAS

O cardeal O'Connor entrou avidamente na arena política, rompendo a barreira que separa a Igreja do Estado! Em 10 de dezembro, levaremos nossa raiva até a porta dele!

Os 7 pecados capitais do cardeal O'Connor e dos políticos da Igreja:

1. AGRESSÃO A LÉSBICAS E GAYS: Na “Carta Rattinger” sobre o “cuidado pastoral aos homossexuais”, a Igreja declara que as pessoas não devem se surpreender quando um “estilo de vida moralmente ofensivo é atacado fisicamente”. Essa posição incentiva o aumento da violência contra lésbicas e gays.

2. VIÉS: A “moralidade” e as políticas públicas administradas pela Igreja têm se oposto de forma militante à revogação de leis discriminatórias contra lésbicas e gays e de estatutos criminais

relativos à sodomia. O'Connor lutou abertamente contra a Lei dos Direitos dos Homossexuais da cidade de Nova York. Os cardeais e bispos não podem impor suas regras sobre nossos corpos e sobre nossas vidas.

3. NEGAÇÃO IGNORANTE: Em Roma, O'Connor discursou na Conferência do Vaticano sobre a Aids, declarando: “A boa moralidade é um bom remédio”. Nenhuma forma de moralidade da Igreja pode confortar um sem-teto com aids ou levar o tratamento médico necessário a pessoas doentes.

4. COLOCAR A VIDA DAS MULHERES EM RISCO: O'Connor declarou: “Eu gostaria de poder me unir à Operação Resgate”, ao mesmo tempo em que conclamava todos os “bons” católicos a intensificarem seus ataques ao direito ao aborto e aos postos de saúde para mulheres. A Conferência Nacional dos Bispos Católicos

escolheu O'Connor para liderar o movimento político antiaborto da Igreja. A resposta de O'Connor: "Temos que ser mais agressivos. É isso que os meus instintos estão me dizendo". Para ser "mais agressivo", O'Connor propõe uma ordem de freiras dedicadas à oposição legal, médica e política ao aborto em tempo integral.

5. NÃO À EDUCAÇÃO SOBRE SEXO

SEGURO: O'Connor se opõe abertamente à educação sobre sexo, sexo seguro, anticoncepção, preservativos e aids, tanto nas escolas paroquiais quanto nas escolas públicas. A Arquidiocese também se opôs à educação sobre sexo seguro em unidades de atendimento à aids, mesmo quando essas unidades foram cedidas pela cidade. Ao defender a abstinência como o único meio de prevenção, O'Connor nega a realidade, nega informações que salvam vidas e coloca em risco todas as nossas vidas.

6. SEM PRESERVATIVOS: A Conferência Nacional dos Bispos Católicos e a oposição de O'Connor ao uso de preservativos são componentes importantes na disseminação contínua da aids e estão matando pessoas. Acredita-se agora que as infecções por HIV estejam aumentando rapidamente entre os adolescentes. Sem informações imediatas sobre métodos preventivos, que incluem os preservativos, as pessoas continuarão a morrer.

7. SEM AGULHAS LIMPAS: O compartilhamento de agulhas é a forma mais frequente de transmissão de novos casos de infecção por HIV em Nova York. A Conferência Nacional dos Bispos Católicos se opõe aos programas de troca de agulhas, que fornecem agulhas limpas para usuários de substâncias químicas injetáveis, para evitar a disseminação das infecções por HIV, como uma “solução rápida”. Durante séculos,

as lideranças da Igreja tentaram administrar a moralidade individual e limitar o direito de escolha de cada um. Esses homens (e eles sempre foram e são homens) devem ser informados de que não podem impor sua moralidade às pessoas que não compartilham de sua doutrina. Isso viola a liberdade religiosa. A cúpula da Igreja deve ser reconhecida pelo que é: uma corporação poderosa e rica que faz lobby para transformar a moralidade em medicina e a religião em política.

**EXIJA PODER TOMAR AS SUAS PRÓPRIAS
DECISÕES**

**O ACT UP (COALIZÃO DA AIDS PARA LIBERTAR
O PODER) E A WHAM! (AÇÃO E MOBILIZAÇÃO
PELA SAÚDE DAS MULHERES) ESTÃO
COORDENANDO A MAIOR MANIFESTAÇÃO
HISTÓRICA NA IGREJA.**

JUNTE-SE A NÓS NO DIA 10 DE DEZEMBRO
PARA UMA MANIFESTAÇÃO EM MASSA E
DESOBEDIÊNCIA CIVIL.

REUNIÃO NA CATEDRAL DE ST. PATRICK
DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1989, 9:30H
DA MANHÃ.

PARA OBTER INFORMAÇÕES SOBRE A
MANIFESTAÇÃO OU PARA PARTICIPAR DO
TREINAMENTO SOBRE DESOBEDIÊNCIA
CIVIL, LIGUE PARA 989-1114.

**13. *ACT UP Bring Your Grief and Rage
about Aids to a Political Funeral*** [Traga o
seu luto e sua raiva em relação à aids para
um funeral político], 1992

Impressão digital sobre papel

TRAGA SUA DOR E SUA RAIVA EM RELAÇÃO
À AIDS PARA UM FUNERAL POLÍTICO em
Washington DC Domingo, 11 de outubro, às 13h.

Você perdeu alguém por causa da aids. Por mais de uma década, seu governo zombou da sua perda. Você se manifestou com raiva, participou de protestos políticos, carregou caixões falsos e lápides simuladas, e espalhou tinta vermelha para representar o sangue soropositivo de alguém, talvez o seu próprio sangue. George Bush acredita que os portões da Casa Branca o protegem de você, da sua perda e da responsabilidade dele pela crise da aids. Agora é hora de levar a aids até George Bush. No dia 11 de outubro, levaremos as cinzas das pessoas que amamos em uma procissão fúnebre até a Casa Branca. Em um ato de dor, raiva e amor, depositaremos as cinzas no gramado

GRAN FURY

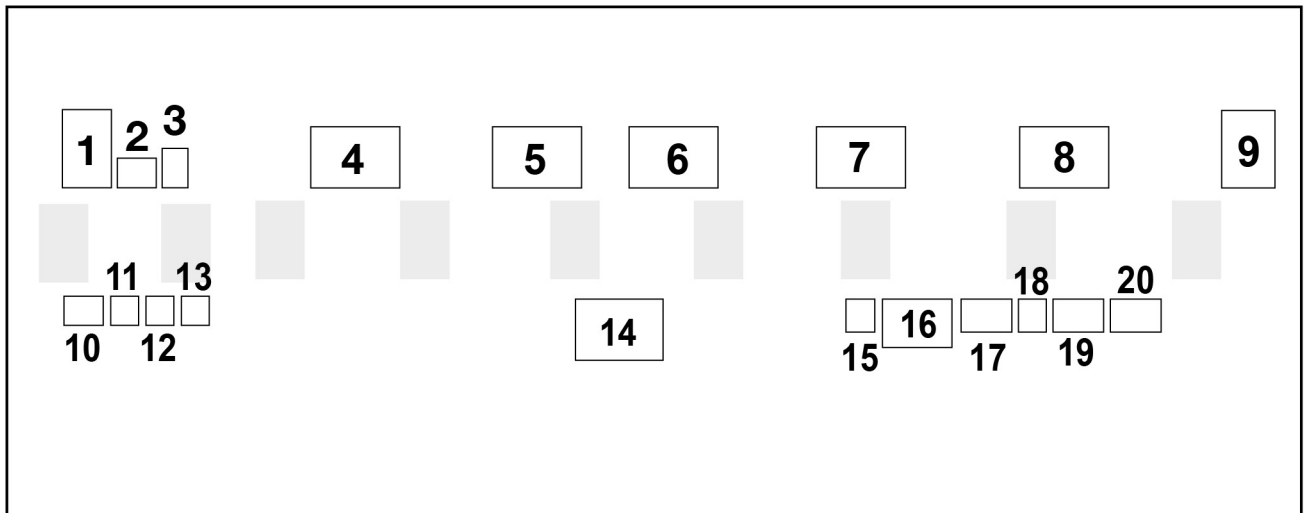
MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

da Casa Branca. Junte-se a nós para protestar
contra 12 anos de política genocida contra a
aids. AGLOMERAÇÃO NAS ESCADARIAS DO
EDIFÍCIO DO CAPITÓLIO ÀS 13:00H

Para obter mais informações sobre como
participar do funeral (com ou sem cinzas), ou
sobre como enviar as cinzas para o ACT UP
Nova York para que outra pessoa as entregue,
ligue para Shane (212) 866-7967 (Costa Leste) ou
David (415) 252-7401 (Costa Oeste)

Patrocinado pelo ACT UP/NY

Parede 1



1. Mark Hinojosa

Anthony Viti, membro do Gran Fury, é levado pela polícia, Newsday, 25 de março de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção Newsday, Nova York, Estados Unidos

2. Tom McKitterick

Joe Ferrari, membro do ACT UP, é levado pela polícia. A prefeitura como alvo, Nova York contra o prefeito Ed Koch, 1989

Impressão digital sobre papel

Coleção do artista, Nova York, Estados Unidos

3. Ellen B. Neipris

Gregg Bordowitz, membro do ACT UP, é levado pela polícia. Wall Street II, 24 de março de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Nova York, Estados Unidos

4. Donna Binder

Manifestação do ACT UP na Federal Plaza, da esquerda para a direita: Steve Gendin, Mark Aurigemma, Douglas Montgomery, Charles Stimson, Frank O Dowd e Avram Finkelstein, Nova York, Estados Unidos, 30 de junho de 1987

Impressão digital sobre papel

Cortesia da artista, Nova York, Estados Unidos

5. T. L. Litt

ACT UP na Marcha do Orgulho de Nova York
em 1989

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Medford, Massachusetts,
Estados Unidos

6. Eugene Gordon

Membros do ACT UP levantando placas e
cartazes na Parada do Orgulho Gay e Lésbico, em
Nova York, Estados Unidos, 26 de junho de 1988

Impressão digital sobre papel

New York Historical Society, Coleção Eugene
Gordon Photograph, Estados Unidos

7. Brad Markel

Seize Control of the FDA [Tomem controle da FDA], ação na sede da Food and Drug Administration, Rockville, Maryland, Estados Unidos, 11 de outubro de 1988

Impressão digital sobre papel

8. T. L. Litt

“Stop the Church” [“Pare a Igreja”], *ACT UP e Women’s Health Action and Mobilization (WHAM!)*, 8 de dezembro de 1989

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Medford, Massachusetts, Estados Unidos

9. Ellen B. Neipris

Seize control of the FDA [Tomem controle

da FDA], ação na sede da *Food and Drug Administration*, Rockville, Maryland, Estados Unidos, 11 de outubro de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Nova York, Estados Unidos

10-13. *ACT UP ad hoc*

Registro da instalação *Let the Record*

Show... (ver.1) [Deixe os registros

mostrarem... (versão 1)], 1987

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and

Archives Division, The New York Public

Library, Estados Unidos

14. Lola Flash

Blood on Its Hands [Sangue na mãos], 1998

Impressão digital sobre papel

Cortesia da artista, Nova York, Estados Unidos

15. Catherine McGann

Seize Control of the FDA [Tomem controle da FDA], ação na sede da *Food and Drug Administration*, Rockville, Maryland, Estados Unidos, 11 de outubro de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Burbank, Califórnia, Estados Unidos

16. Tom McKitterick

Seize Control of the FDA [Tomem controle da FDA], ação na sede da *Food and Drug Administration*, Rockville, Maryland, Estados Unidos, 11 de outubro de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção do artista, Nova York, Estados Unidos

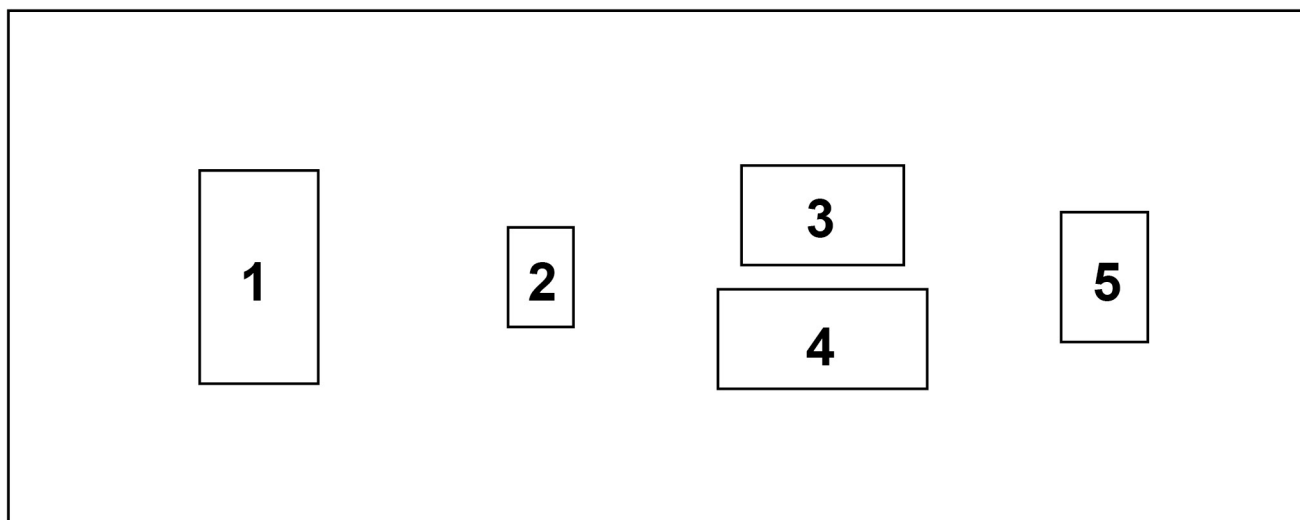
17-20. T. L. Litt

Seize Control of the FDA [Tomem controle da FDA], ação na sede da *Food and Drug Administration*, Rockville, Maryland, Estados Unidos, 11 de outubro de 1988

Impressão digital sobre papel

Coleção da artista, Medford, Massachusetts, Estados Unidos

Parede 2



1. *Silence = Death Project*

SILENCE = DEATH [SILÊNCIO = MORTE], 1987

Impressão digital sobre papel

Avram Finkelstein Archive, Nova York,

Estados Unidos

SILÊNCIO = MORTE

Por que Reagan se cala sobre a aids? O que está realmente acontecendo nos Centros de

Controle de Doenças, na Agência de Alimentos e Medicamentos e no Vaticano? Gays e lésbicas não são descartáveis... Usem o seu poder... Votem... Defendam-se... Transformem a sua raiva, medo e dor em ação.

Em 1986, o então futuro integrante do Gran Fury, Avram Finkelstein, juntou-se a Brian Howard, Charles Kreloff, Chris Lione, Jorge Soccarás e Oliver Johnston (1952-1990) para compartilhar suas experiências de luto devido ao HIV. O grupo decidiu então criar um cartaz contra o silêncio. Em 1987, os muros das ruas apareceram cobertos por um cartaz constituído por um fundo preto, um triângulo equilátero de cor rosa e a seguinte equação: *SILENCE = DEATH* [SILÊNCIO = MORTE]. O triângulo apontado para o alto era uma reelaboração ativista de um conhecido símbolo de um dos episódios mais perversos

do século 20: uma alusão ao triângulo rosa que os nazistas costumavam nas vestimentas que identificavam os homossexuais aprisionados nos campos de concentração. O vazio em preto que ocupa a quase totalidade do cartaz criado pelo coletivo Silence = Death Project evoca a falta de respostas diante de uma epidemia. Por que Ronald Reagan e a mídia hegemônica seguiam calados em relação à crise do HIV/aids?

2. Silence = Death Project

AIDSGATE, 1987

Impressão digital sobre papel

Avram Finkelstein Archive, Nova York,

Estados Unidos

AIDSGATE

Este escândalo político deve ser investigado! 54% das pessoas com aids em Nova York são negras ou hispânicas... A aids é a principal causa de morte de mulheres entre 24 e 29 anos de idade em Nova York... Até 1991, mais pessoas terão morrido de aids do que em toda a Guerra do Vietnã... Qual é a verdadeira política de Reagan em relação à aids? Genocídio de todos os não brancos, não homens e não heterossexuais?...

SILÊNCIO = MORTE

3. Donald Moffett

He Kills Me [Ele me mata], 1987

Impressão digital sobre papel

Cortesia do artista e Marianne Boesky

Gallery, Nova York e Aspen, Estados Unidos

4. Avram Finkelstein e Donald Moffett

Fact or Fiction [Fato ou ficção], 1989

Impressão digital sobre papel

Avram Finkelstein Archive, Nova York,

Estados Unidos

250 mil casos de aids em gays na semana passada, 50 mil nesta semana? Fato ou ficção?

5. Avram Finkelstein e Vincent Gagliostro

Enjoy AZT [Curta o AZT], 1989

Impressão digital sobre papel

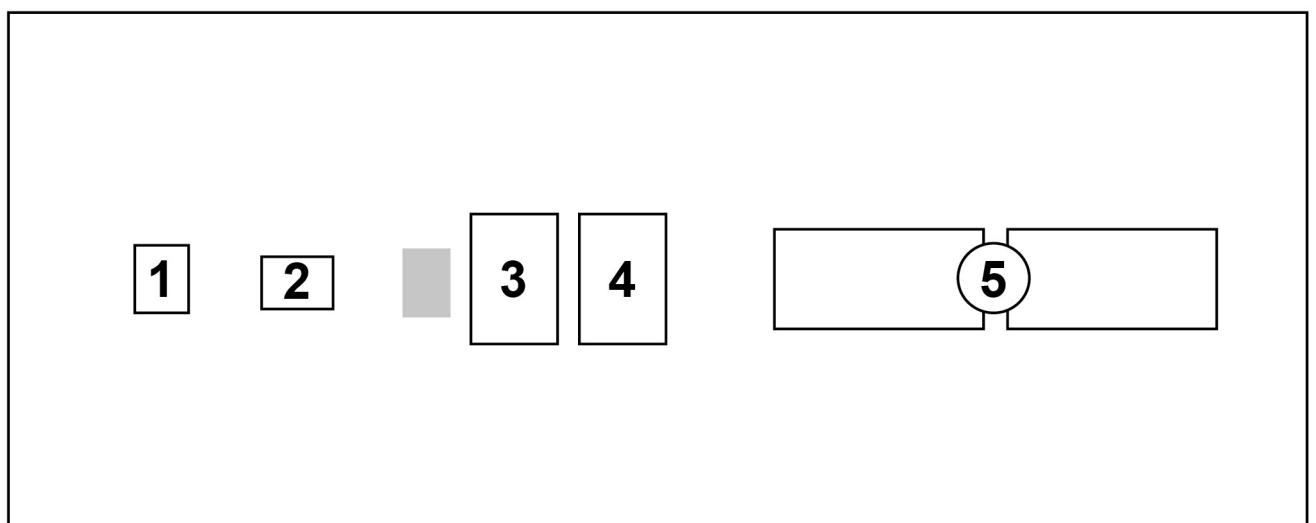
Avram Finkelstein Archive, Nova York,

Estados Unidos

Curta o AZT — O governo dos EUA gastou US\$ 1 bilhão nos últimos dez anos para pesquisar

novos medicamentos contra a aids. O resultado: um medicamento — o AZT. Metade das pessoas que o usam ficam doentes e, para a outra metade, ele deixa de funcionar após um ano. O AZT é a última esperança para as pessoas com aids, ou é um atalho para a fortuna que a Burroughs Wellcome está fazendo no mercado da aids? Diversos medicamentos definham nos oleodutos do governo, enquanto fortunas são feitas com este monopólio. TRATA-SE DE CUIDADOS COM A SAÚDE OU COM A RIQUEZA?

Parede 3



1. Mark Simpson cola o cartaz *Four Questions* [Quatro Perguntas], 1993

Impressão digital sobre papel

2. *Four Questions* [Quatro perguntas], 1993

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

Você se ressentido das pessoas com aids?

Você confia em pessoas HIV negativas?

Você perdeu as esperanças de cura?

Quando foi a última vez em que você chorou?

Four Questions [Quatro perguntas] é o último cartaz do Gran Fury, criado apenas por alguns

de seus integrantes: Avram Finkelstein, Loring McAlpin e Mark Simpson, com apoio de Vincent Gagliostro. A folha de papel quase vazia apresenta em seu centro quatro perguntas que revelam um encontro íntimo entre quem interpela e quem lê. O trabalho foi criado quando Simpson era o único membro do Gran Fury vivendo com HIV, e as questões respondiam diretamente à sua experiência emocional em relação à aids. A forma das perguntas remete ao texto do Hagadá, usado na noite do Pessach [Festa da Libertação] pelos judeus – durante a celebração, são recitadas quatro perguntas. Essa mesma estrutura foi usada pelo Gran Fury na elaboração de suas questões sequenciais. O espaço vazio da página também comporta a falta de respostas diante dessas perguntas, assim como a nossa própria condição individual (positiva ou negativa) diante do HIV.

The Pope and the Penis, 1990

Em 1990, o Gran Fury foi convidado a participar do programa da Bienal de Veneza dedicado a artistas emergentes. Na ocasião, o grupo não hesitou em confrontar a postura da Igreja Católica sobre o HIV/aids. A proposta foi o díptico *The Pope and the Penis* [O papa e o pênis], com um painel que trazia uma foto do papa João Paulo II acompanhada de um texto que criticava a política de condenação da Igreja acerca da educação sexual e dos métodos de prevenção da transmissão do HIV, e outro que apresentava a foto de um pênis ereto junto de um texto que promovia o uso de preservativos por homens. A obra ficou retida na alfândega, os integrantes do coletivo quase foram detidos por blasfêmia e o diretor daquela edição da Bienal, Giovanni Carandente (1920-2009), ameaçou se demitir se o trabalho fosse exposto. Com o

apoio de outros artistas, o Gran Fury acabou conseguindo expor os painéis depois da análise de um magistrado.

3. *La Nuova Venezia*

Reprodução da capa do jornal ***La Nuova Venezia*** sobre o “Escândalo na Biennale” que envolveu a instalação *The Pope and the Penis* [O papa e o pênis], 1990

Impressão digital sobre papel

4. Bruno Jakob

Registros da montagem de ***The Pope and the Penis*** [O papa e o pênis] na 44^a Biennale di Venezia, Itália, 1990

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and

Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos.

5. Gran Fury

The Pope and the Penis [O papa e o pênis], 1990

“Aperto 90”, 44^a *Biennale di Venezia*, Itália

Impressão digital sobre papel

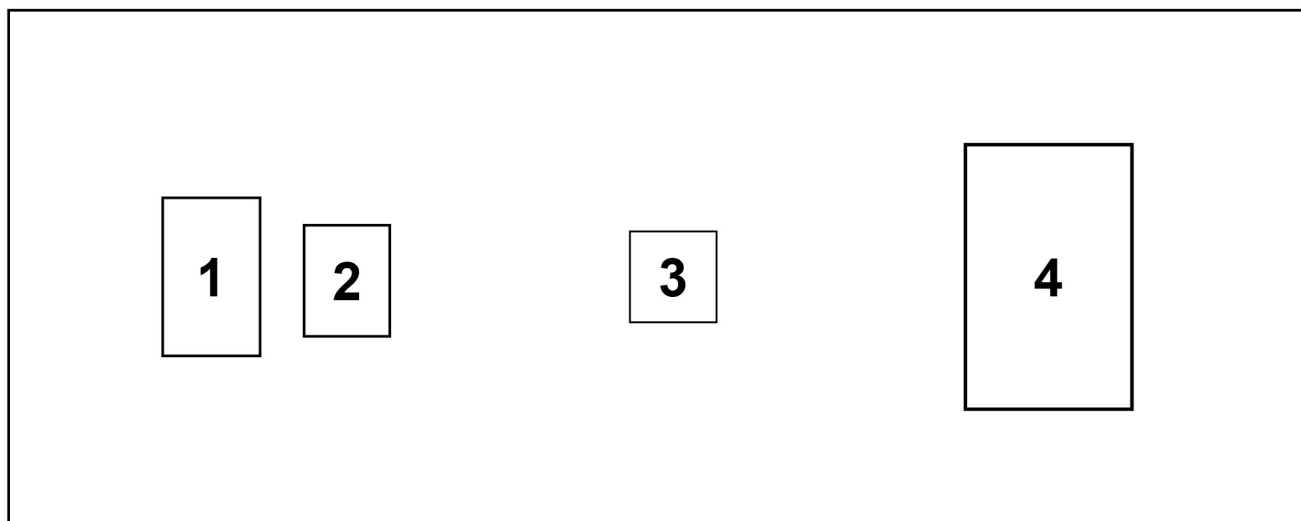
Gran Fury Collection, Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library, Estados Unidos

Há muito tempo, a Igreja Católica doutrina homens e mulheres a detestarem seus corpos e a temerem sua natureza sexual. Essa visão específica sobre o bem e o mal continua a causar sofrimento e até mesmo a morte. Ao manter a medicina refém da moralidade católica e reter

informações que permitem que as pessoas se protejam e protejam umas às outras contra a infecção do vírus da imunodeficiência humana (HIV), a Igreja tem como objetivo punir todos os que não compartilham de sua versão peculiar da experiência humana e deixa clara sua preferência por santos vivos e pecadores mortos. É imoral praticar má medicina. É má medicina negar às pessoas informações que podem ajudar a acabar com a crise da aids. É certo que preservativos e agulhas limpas salvam vidas, da mesma forma que a Terra gira em torno do Sol. A aids é causada por um vírus, e um vírus não tem moral.

“A verdade não está nos preservativos ou nas agulhas limpas. São mentiras... a boa moral é um bom remédio”. Cardeal John O’Connor, Primeira Conferência do Vaticano sobre a Aids, 1989

Parede 4



1. *Je Me Souviens* [Eu me lembro], 1992

Impressão digital sobre papel

Musée d'art contemporain de Montréal, Canadá

O governo norte-americano deixou 140 mil de seus cidadãos morrerem de aids. Diga NÃO ao desastre prescrito nos Estados Unidos.

EU ME LEMBRO

Para transar, coloque uma camisinha.

Não goze na boca de ninguém.

2. *Wipe Out* [Eliminar], capa da Bomb Magazine, n. 34, inverno de 1991

Impressão digital sobre papel

A realidade clínica da aids torna-se ainda mais grave devido ao medo e ao ódio contra dependentes químicos, gays e lésbicas, mulheres, pessoas não brancas e pobres. Esses preconceitos devem ser eliminados antes que a crise da aids possa ser resolvida. Todos devem ter acesso igualitário à saúde, à educação e à moradia.

A AIDS NÃO ACABOU PARA NINGUÉM ATÉ QUE TENHA ACABADO PARA TODOS.

3. Adesivo *Men Use Condoms or Beat It*

[Homens, usem camisinhas ou se virem], 1988

Impressão digital sobre papel

Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, Estados Unidos

4. *Women Just Don't Get Aids. They Just Die From It* [Mulheres não pegam aids. Elas só morrem], 1991

Impressão digital sobre papel

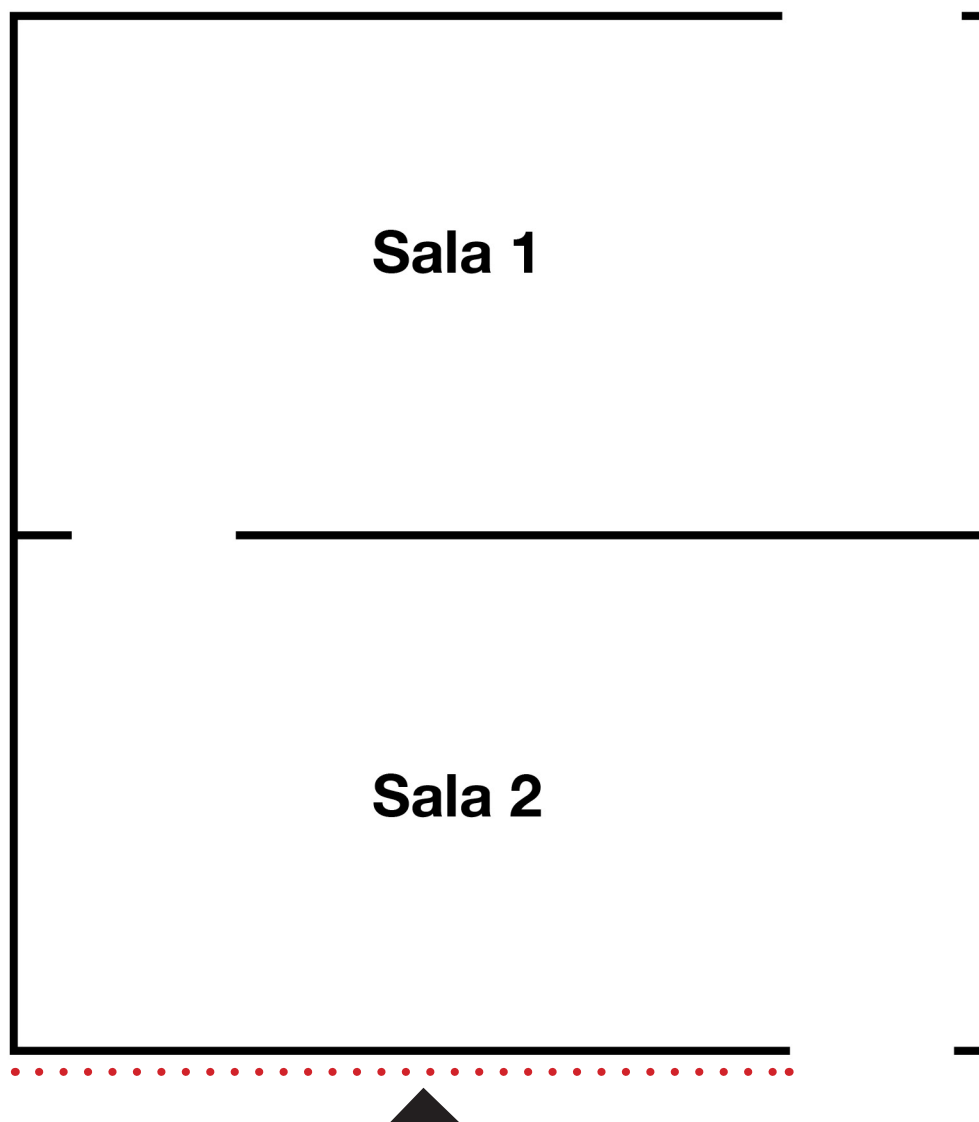
Public Art Fund, Nova York, e *The Museum of Contemporary Art Los Angeles*, Estados Unidos
Gran Fury Collection, Manuscripts and
Archives Division, The New York Public
Library, United States

65% das mulheres que vivem com HIV adoecem e morrem de infecções crônicas que não se enquadram na definição de aids dos Centros

de Controle de Doenças (CDC). Sem esse reconhecimento, as mulheres não têm acesso aos poucos cuidados de saúde que existem. O CDC deve expandir a definição de aids.

ELAS SÓ MORREM

Parede de encerramento





1

1. *Welcome to America* [Bem-vindos à América], 1989

Impressão digital sobre papel

Image World: Art and Media Culture,
Estados Unidos

BEM-VINDOS À AMÉRICA.

O único país industrializado sem assistência nacional à saúde.